

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T.C.
S. 9/c)
3638

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Bairro Aclimação:
vivências de moradores e policiais militares
(Uberlândia – MG)

Daniel Batista de Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Desenvolvimento e Pesquisa em
História – CDH
Campus: Sítio Pampulha – Caixa 10 (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel: 38400-912 – Uberlândia - M. G. - Brasil

Daniel Batista de Melo

**Bairro Aclimação:
vivências de moradores e policiais militares
(Uberlândia – MG)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Docência e Pesquisa em
História - CDH
Campus St. Moisés - Bloco 10 (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Zip 38400-002 - Uberlândia - M. G. - Brasil

Melo, Daniel Batista de, (1980)

Bairro Aclimação: vivências de moradores e policiais militares (Uberlândia – MG)

60 fls

Orientadora: Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras – Chave: Cidade; Sociedade e Polícia; Espaço e Controle Social.

Daniel Batista de Melo

**Bairro Aclimação:
vivências de moradores e policiais militares
(Uberlândia – MG)**

Banca Examinadora

PROF^a.DR^a. Regina Ilka Vieira Vasconcelos – Orientadora

PROF^a.DR^a. Marta Emisia Jacinto Barbosa

PROF^a. Ms. Sheille Soares de Freitas

Dedico a Deus este trabalho por ter me presenteado com o dom mais importante: a vida, e nela cumprir mais uma etapa de sucesso. Aos meus pais que contribuíram em todas as horas esperadas, em que o amparo e o carinho foram ferramentas poderosas para levar a vida em frente e superar os problemas. Aos irmãos e amigos que me proporcionaram momentos incríveis de alegria. A querida Lylian, sempre graciosa e carinhosa.

Agradecimentos

A minha família sempre presente e marcante, me trazendo mensagens de apoio e ternura, apesar de pessoas especiais não estarem próximas, mas que residem na lembrança e no coração.

Aos amigos que caminharam juntos superando dificuldades que foram aparecendo no curso de graduação, e todos aqueles presentes nas horas boas e ruins, partilhando de uma palavra amiga e de um gesto de afeto.

Ao estimado secretário João, sempre bondoso, e disposto a ajudar no caminho percorrido na formação acadêmica.

A Regina Ilka por me apoiar nessa empreitada final no curso de História, e que possibilitou levar adiante esse desafio em minha vida.

Toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais

(Giovanni Levi. In Peter Burke, 1992, p.135)

Sumário

Apresentação.....	10
Capítulo 1--O contexto do Bairro Aclimação: Considerações Sobre o Espaço e os Sujeitos que o compõem	15
1.1-- Conhecendo o espaço do bairro.....	15
1.2-- Tentativas de Aproximação dos Sujeitos Inseridos no Espaço do Bairro.....	19
1.3-- Policiais e Moradores: Expectativas e Necessidades.....	26
Capítulo 2--_A Atuação Policial no Contexto Escolar do Bairro Aclimação.....	35
2.1-- Normas que Regem os Policiais e Suas Ações.....	35
2.2—A Implementação do PROERD no Brasil.....	39
2.3-- O PROERD no Bairro Aclimação	44
Considerações Finais.....	53
Fontes e Bibliografia.....	55
Anexos.....	59

Resumo

O trabalho procura contextualizar as relações sociais no bairro Aclimação, tendo como recorte temporal o ano de 1983 aos dias atuais, podendo relacionar esse período a uma possível abertura democrática no Brasil.

Estudar a inserção dos policiais e suas relações no espaço do bairro e da escola com os diferentes sujeitos presentes é uma proposta que me proponho a fazer. Para esse desafio deixo prevalecer uma ênfase de trabalho voltado a historiografia social, procurando entender o policial enquanto sujeito atuante e participativo no seu cotidiano de trabalho, relacionando com as demais pessoas da comunidade do bairro e da escola. Busco referenciais teóricos como Beatriz Sarlo, Antônio Alberto Brunetta e outros descritos ao longo da pesquisa, que contribuíram para desenvolvimento do trabalho.

Alguns conceitos chaves como autoridade, poder, disciplina, controle social, espaço, contexto urbano, violência, e disputas ideológicas compõe a gama de discussões enfatizadas no trabalho de pesquisa, em diálogo com as fontes como manuais de estudantes, normas policiais, e, entrevistas realizadas às pessoas que compõem o espaço do bairro Aclimação.

Desafios, conflitos e tensões permeiam o trabalho, numa tentativa de elucidar e compreender a dinâmica social de um espaço pequeno em dimensão física, mas rico em possibilidades, inquietações e experiências sociais

Apresentação

O tema do trabalho é as relações entre policiais e moradores no Bairro Aclimação, tendo como recorte temporal o ano de 1983, período em que se inicia um programa norte-americano voltado à prevenção ao uso de drogas e violência, desenvolvido por policiais nas escolas, até os dias atuais.

Minha motivação para trabalhar este tema está diretamente relacionada à profissão que exerço como policial militar, vivendo diuturnamente conflitos no bairro, numa tentativa de melhor compreendê-los, e principalmente por alguns preconceitos sofridos enquanto policial, que me fazem repensar constantemente meu papel social de pesquisador e agente do estado.

Ainda com relação aos conflitos existentes nos bairros de Uberlândia, destaco uma experiência que foi importantíssima para meu amadurecimento e aproximação ao tema. Aconteceu há aproximadamente um ano, quando, em serviço de viatura, juntamente com dois policiais, por volta das 17 horas, avistamos um menino de treze anos de idade, que se jogou em frente ao carro policial, pedindo socorro e chorando. A reação de espanto e desconfiança no primeiro momento aconteceu, mas, ao relatar-nos o que havia acontecido, confesso que fiquei desorientado.

Não citarei o nome verdadeiro nem o lugar por questões de segurança e preservação da imagem do adolescente, por isso o chamarei de Bruno. Ele havia fugido havia poucos minutos de um grupo de traficantes, ao qual pertencia. Só pra se ter uma idéia, todos tinham a mesma faixa-etária de idade e já ocupavam certa hierarquia no mundo do tráfico naquele bairro. Bruno foi torturado, amarrado e jogado em uma espécie de ladeira no interior de um mato, pois estava pegando parte do dinheiro que deveria ser repassado aos outros traficantes. Ele só escapou com vida porque disse aos outros adolescentes que tinha ainda um dinheiro para receber de uma jóia que havia vendido e lhes pagaria a dívida. Foi lhe dado algumas horas para providenciar o dinheiro, e, como não havia outra solução, Bruno se viu forçado a pedir ajuda à primeira viatura que avistou. Pensamos em uma maneira de ajudá-lo, mas ele, com medo de maiores consequências, não quis identificar os outros adolescentes. Achamos melhor,

então, levá-lo a outro lugar, fora da cidade, para viver com familiares, onde estaria mais seguro.

No percurso, ele ainda relatou outros fatos, não menos chocantes do que o narrado. Afirmou haver uma espécie de recrutamento de crianças e adolescentes para trabalharem vendendo drogas no bairro. Os traficantes mais antigos prometiam dinheiro, boas condições de vida, e, no caso de aceitarem, havia ainda algumas condições impostas. O adolescente deveria ficar dentro de um barraco de lona ou madeira, por dez dias, sendo levados a ele apenas água e comida, passando por algumas seções de tortura, para ver se *ele agüentava pressão*, segundo Bruno. Passados os dez dias, ele ia pra outro barraco, onde ficaria o mesmo período de dias, saindo apenas para buscar comida. Nesta fase, ele já comercializaria drogas no barraco e não sofreria nenhum tipo de tortura física. Ao final dos vinte dias, ele seria considerado traficante, e, a cada quantidade de droga vendida, ele receberia uma parte do dinheiro. Uma vez nesse mundo, dificilmente o adolescente conseguiria sair, mesmo que quisesse. Nesse ponto de vista, Bruno pode ser considerado um privilegiado.

Fatos como estes nos deixam perplexos, por saber que acontecem, pois, sinceramente, é difícil de acreditar. Isso é coisa que, em tese, só aconteceria nas favelas das grandes capitais. Entender, portanto, essa rede de conflito que corrompe a sociedade, na base mais frágil, ou seja, nas crianças e adolescentes, é uma maneira de pelo menos tentar fazer alguma coisa.

Essa experiência foi marcante para me aproximar dos conflitos relacionados à violência, e, como problemática e objetivos gerais ao tema proposto, fica a inquietação de conhecer o espaço do bairro Aclimação, procurando indícios, que afirmem ou não, a existência desses conflitos, como eles acontecem, e principalmente se existe aproximação entre sociedade e estado, figurados no papel do policial e moradores do bairro, numa tentativa de tentar diminuir estas tensões.

Entender estes conflitos no espaço do bairro não limita a capacidade de ampliar os objetivos a um contexto maior. A tentativa de compreender o PROERD, enquanto programa voltado à prevenção da violência, deixa transparecer uma preocupação em mostrar outro lado da polícia. Poderíamos pensar em novos modelos de policiamento?

A prevenção existe de maneira eficiente? Como se dá essa aproximação no cotidiano do bairro?

Pensando num viés social de História, que busque contemplar os sujeitos históricos, suas perspectivas, tensões e conflitos, mesmo que se relacione diretamente à polícia como órgão oficial, o trabalho foi desenvolvido. A história social permite compreender o policial enquanto sujeito histórico, atuante e participativo, abrindo a possibilidade de repensá-lo fora do âmbito institucional ou oficial. É possível falar em novos sujeitos e fontes, por isso me preocupo em tentar entender o policial nessa perspectiva.

Como fontes e metodologias foram selecionadas entrevistas orais com moradores e policiais que trabalham e moram no Bairro Aclimação, manuais que contém a teoria do PROERD, documentos oficiais que legislam sobre os policiais como Código de Ética e Constituição Federal, e a observação prática do cotidiano do bairro, que permite também vislumbrar as tensões daquele espaço.

Foram desenvolvidas leituras de autores que contribuíram para desenvolvimento da pesquisa, e estruturação do trabalho. Alessandro Portelli abriu minhas perspectivas de trabalho com as fontes orais, num diálogo constante de como fazer, o que fazer, qual o sentido ético a se adotar, e norteou qualitativamente a elaboração das entrevistas e a sensibilidade para compreendê-las.

No primeiro capítulo, existe a tentativa de entender o espaço do Bairro Aclimação, como se dá a transformação desse espaço, e como os diferentes sujeitos estão inseridos e se relacionam. Autoras como Beatriz Sarllo e Margarida de Souza Neves me fizeram refletir sobre as transformações do espaço urbano e a dinâmica de exclusão desse espaço em detrimento dos sujeitos, numa relação conflituosa de resistência e disputa dos sujeitos pelos espaços e predomínio de poder. Foi de grande ajuda para compreensão do contexto urbano de Uberlândia e as pessoas que moram no Aclimação.

Contribuíram também os autores Roberto Machado e Marcos Luiz Bretas, desvendando os mecanismos de dominação, disciplina e controle social que estão inseridos em nossa sociedade, refletindo consequências que afetam as relações dos sujeitos. Propiciaram a reflexão sobre a dinâmica de poderes que envolvem os

indivíduos e sobre os aspectos que podem influenciar as crianças, jovens e até mesmo adultos, a partilharem de experiências de violência no bairro.

O primeiro capítulo, bem como todo o trabalho, é elaborado pensando na disposição das fontes, e no diálogo teórico, cruzando interpretações e direcionamentos que vão dando corpo ao texto trabalhado.

O segundo capítulo se estende ao contexto do bairro e escola, tentando entender os sujeitos presentes e suas relações de aproximação. O estudo de fontes oficiais como normas e leis que regem a conduta e a postura do policial é realizado, considerando que o policial é inserido no contexto escolar ministrando aulas do PROERD. Ele carrega valores institucionais moldados por seu ofício, como hierarquia e disciplina militar, e pode exercer influência desses valores, junto às crianças e adolescentes no espaço da sala de aula.

Outros estudiosos contribuem para dialogar com as fontes apresentadas, como Antônio Alberto Brunetta e Maria Glaucíria Mota. Os conceitos teóricos, como autoridade e disciplina, que permeiam o cotidiano do bairro e a própria escola, em diálogo com estes autores, enriquecem o trabalho, permitindo indagações e problematizações às fontes, que podem até não ser respondidas, mas que possibilitam inquietações.

Outro aspecto que considero importante a salientar acerca do desenvolvimento da pesquisa foram os obstáculos que constantemente me atormentavam, por exercer o trabalho policial e o de historiador, sem, contudo, deixar aflorar os valores policiais sobre o pesquisador. Até que ponto poderia ir minha visão de policial, ou como isso poderia me ajudar no desenvolvimento da pesquisa, sem transformá-la em luta política em que prevaleceria a visão institucional em face à História Social proposta?

É um exercício árduo, porém gratificante, ao ponto de me deixar feliz, em refletir conjuntamente como policial e historiador, acerca de problemas sociais latentes, que fazem parte do meu cotidiano de trabalho. O policial vivencia situações chocantes, como o relato do Bruno, que o fazem crescer como sujeito e pesquisador, numa tentativa de entender os conflitos e quem sabe até melhorar seu trabalho como policial, não apenas prendendo ou disciplinando, mas sendo humano ao ponto de se comover e buscar o melhor às pessoas do bairro.

É de fundamental importância na pesquisa a tentativa de vislumbrar o policial enquanto sujeito que participa dos conflitos no bairro, e ter o senso crítico apurado para entender que ele faz parte de uma instituição que objetiva moldar comportamentos e exercer o predomínio de uma sociedade imbuída de valores capitalistas e burgueses, em que prevalecem interesses de poucas pessoas sobre muitas.

Essa preocupação existe e, pensando assim, foco minhas análises de historiador nesse trabalho que considero importante.

Capítulo 1

O contexto do Bairro Aclimação: Considerações Sobre o Espaço e os Sujeitos que o compõem

1.1-Conhecendo o espaço do bairro

O trabalho de observação do historiador é intrigante ao ponto de se deixar envolver por seu objeto de pesquisa, sem, contudo se desvencilhar dos seus objetivos e problemáticas.

Partindo desse pressuposto, quando se fala no espaço de um bairro ou região é necessário refletir sobre as diversidades sociais que compõem este espaço, vislumbrando os mais variados aspectos possíveis, desde características do ambiente, como localização geográfica, estabelecimentos públicos, áreas de lazer, às mais complexas relações dos sujeitos que partilham este cenário.

Um fator importante a se considerar sobre o *Bairro Aclimação*¹, ou outros bairros da cidade de Uberlândia, é a constante transformação que sofrem estes locais, e que possivelmente podem influenciar sobre o modo de como as pessoas ali moram. Devemos perceber que existem contrastes, perceptíveis ou não, que afetam a vida das pessoas dos diferentes bairros de uma cidade. São fatores que variam entre ausências de serviços básicos ou públicos a uma parte do bairro e ostentações visíveis de riquezas e luxos a outros que não estão longe daquele espaço físico.

Estes contrastes inseridos no espaço do bairro não são privilégio apenas de Uberlândia ou do Bairro Aclimação. Na Argentina, por exemplo, é possível verificar, sob o olhar atento de Beatriz Sarlo, mudanças nas estruturas urbanas refletindo tensões no cotidiano das pessoas que compõem as cidades, como Buenos Aires. Existem sensações de medo que podem ser verificadas em virtude da discrepância de

¹ Bairro da cidade de Uberlândia onde se desenvolveu o projeto de pesquisa.

crescimento e investimento urbano nos diferentes bairros. Não existem, na Argentina ou no Brasil, projetos eficientes de ideais homogêneos de investimentos, que contemplem benefícios a todos que moram nos centros urbanos. As fronteiras entre ricos e pobres são conferidas ao espaço de moradia, numa mobilidade social não acessível aos pobres, pois não permite a ascensão da classe baixa a patamares sociais mais elevados. Seria possível imaginar projetos sociais de segurança e saúde plenos que se adequem aos moradores do Aclimação, em proporção tamanha ao condomínio fechado vizinho? Este seria um dos exemplos da diferença citada pela autora entre norte e sul, na Argentina. Vejamos:

Esta é a cidade que hoje está em crise. As diferenças entre norte e sul são drásticas tanto do ponto de vista da segurança como do acesso a serviços e possibilidades de desfrute²

Como foi dito, Beatriz Sarlo analisa a cidade de Buenos Aires e suas transformações rápidas desde sua construção, no final do século XIX, aos dias atuais, principalmente em questões que se relacionam à segurança pública e violência. O contexto histórico das transformações nos remete a inquietações pertinentes ao trabalho, considerando que os bairros de Uberlândia se transformam, crescem e nos levam a pensar em consequências dessas mudanças, que são perceptíveis, e podem influenciar no cotidiano das pessoas. Analisando anseios dos moradores, podemos contemplar melhor a perspectiva da diferença que existe entre os grupos, que habitam diferentes espaços da cidade, mesmo que tenham proximidade física.

Vejamos o relato de uma moradora, Sra. Ederlaine Ferreira Lima, manicure, que está residindo no bairro Aclimação há aproximadamente um ano. Ela é natural de Governador Valadares e mudou de sua cidade natal para acompanhar o trabalho do marido. Questionada se existem necessidades para sua família no que se refere ao espaço do bairro, vejamos qual foi a resposta da moradora:

É, criar mais escolas também, né. Igual o Átila, até hoje tá sem estudar, não tô conseguindo vagas. Hoje que a mulher da escola ligou, mas é o seguinte, está aguardando uma desistência³

² SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 52.

³ Entrevista realizada com a Sra. Ederlaine Ferreira Lima, moradora do Bairro Aclimação, em 23 de agosto de 2007.

Esta senhora se queixa de um problema do bairro, pois não conseguiu arrumar uma creche ou escola para deixar seu filho, que está com cinco anos de idade. Nesse caso específico, a ausência de um serviço público afeta diretamente a vida dessa pessoa. E esse pode não ser o único problema que enfrentam os moradores do bairro.

De um problema relatado pela moradora, é possível perceber que o contexto estrutural de um bairro, entendendo como tal a diversidade de necessidades das pessoas em relação ao espaço ou ambiente, está diretamente ligado ao processo de inserção e convivência das pessoas nas localidades. É uma relação de dependência, pois todo e qualquer sujeito que vive e se relaciona no bairro depende de serviços ou necessidades básicas a serem geridas, como alimentação, lazer, educação, moradia ou mesmo segurança. O conflito pode existir em decorrência dessa dependência, para tanto analisaremos mais detalhes sobre o Aclimação:

Ocupa uma área de 1.065 km. Quadrados, com uma população 9.550 moradores sendo 3.503 de idade compreendida entre 10 a 30 anos, 3.424 domicílios. Comparando o Bairro Santa Monica: Área de 5.737 Km. Quadrados, população de 33.330 sendo que 12.996 de idade compreendida entre 10 e 30 anos e 9840 domicílios.⁴

Os dados populacionais e de área, sem uma base de comparação concreta, não representam nenhum significado, mas se somados os aspectos populacionais do bairro acrescido da informação de que é delimitado por um condomínio fechado, de um lado, e, do outro, pelo Aeroporto de Uberlândia, é possível refletir sobre um contraste visível de desigualdade social, que se confronta em uma barreira, talvez intransponível pela maioria dos moradores do Aclimação. Nessa perspectiva de área e população simples, não é possível contemplar o panorama das diferenças entre os bairros, apenas demonstra o aspecto físico, numa tentativa de melhor ilustrar e nos aproximar da realidade do bairro.

As informações estruturais servem para otimizar a visão de carência das pessoas do bairro, pois se vê acesso a lazer, educação e bens materiais, de um lado, e uma perspectiva de falta, do outro, haja vista que o bairro não oferece possibilidades propriamente físicas e sociais, que contemplem as necessidades dos moradores, como ginásios poliesportivos, creches, campos de futebol, postos de saúde. Sendo observada

⁴Estimativa referente aos dados populacionais de 2006, pesquisados junto a Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente – SEPLAMA. Cf UBERLÂNDIA. Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. *Dados populacionais*. Uberlândia, 2006.

apenas uma praça com uma quadra descoberta, local este freqüentado por crianças jovens e adultos.

Analisando ainda o espaço do Aclimação num exercício de comparação ao Bairro Santa Mônica, por suas características peculiares de dimensão e população maior, e conseqüentemente mais violento, tomando como referência, as informações estatísticas dos crimes do bairro, vejamos:

De janeiro a junho de 2007 ocorreram 9 crimes violentos no bairro Aclimação, e no Santa Monica 267.⁵

Nessa perspectiva, a incidência de crimes é bem maior no Bairro Santa Monica do que no Aclimação. Considerando a população, a média no Aclimação, em proporção, deveria ficar na casa dos vinte e sete crimes, enquanto no Santa Monica chega a duzentos e sessenta e sete, uma abordagem numérica que aponta um cenário evidente: existe maior violência urbana, em alguns outros pontos da cidade. Não podendo ser destacado a influência do espaço do Aclimação sobre seus sujeitos, que podem migrar para outros bairros, mesmo que seja para praticar atos ilegais aos olhos do atual sistema policial.

É complicado entender que questões relativas ao espaço interferem na incidência de crime e violência. Existe uma relação que ultrapassa o contexto físico. E abordar apenas aspectos estatísticos revela um panorama frio do contexto do bairro, pois incorre no erro de homogeneizar as pessoas ali presentes, não contemplando a diversidade de sujeitos e relações que se concretizam neste espaço. Para não incorrer neste erro, é preciso analisar os sujeitos ali presentes, e as relações destes sujeitos no bairro: como estão dispostos, como se organizam, quais são os conflitos que perpassam estes indivíduos, por que acontecem os conflitos. São inquietações interessantes para se problematizar.

Esses sujeitos são compostos por comerciantes, moradores, estudantes, trabalhadores, que partilham do espaço para morar ou trabalhar. Como já foi dito, entender o espaço é um indício para se compreender melhor as relações que se dão entre estes sujeitos.

⁵Dados pesquisados junto a Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente- SEPLAMA, Cf. UBERLÂNDIA. Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. *Dados populacionais*. Uberlândia, 2006.

Apesar de ser um bairro pequeno se comparado a outros de Uberlândia, o Aclimação possui grupos diferentes de pessoas que se relacionam. Relações estas que são permeadas por tensões, e predomínio de poder de uns sobre os outros. Uma definição interessante de poder, buscada nos trabalhos de Foucault, analisando as instituições e suas origens no predomínio efetivo de práticas disciplinadoras, como a política, a família ou a Igreja, nos dá amparo teórico para problematizar sobre as tensões e conflitos do bairro na ótica do poder, como:

Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos - o seu corpo - e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder.⁶

As tensões do cotidiano são movimentos desse poder, fazendo parte dessas micro-relações, na medida em que existem apropriações de mecanismos do seu exercício, ligados ou não à presença do Estado, ditando regras que permeiam os grupos sociais, sustentando uma realidade que se complementa em atos que podem ser considerados ilegais. A dominação não existe formalmente no corpo social, mas é inserida de forma sutil, a ponto de se tornar um poder velado, que pode até ditar os costumes de uma comunidade.

1.2- Tentativas de Aproximação dos Sujeitos Inseridos no Espaço do Bairro

Essas apropriações de poder que permeiam os grupos e fazem predominar a influência de uns sobre os outros, sem a interferência do Estado, como no caso de Bruno, são conflitos existentes no bairro. Mas esta presença do Estado pode ser questionada, pois existem ali, inseridos no espaço do bairro, policiais que trabalham e moram. Vejamos quem são estas pessoas que interagem no bairro e como se relacionam com os demais grupos, analisado suas origens.

⁶ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. XII.

Para tanto, foi tomado como referência um policial militar que trabalha no bairro há mais de doze anos. Ele atualmente mora com sua família. Assim como outros moradores do bairro, ele é migrante de outra cidade. Saiu de Governador Valadares e veio com a esperança de alcançar prosperidade e emprego nesta cidade. Vejamos o relato do policial Cabo Henrique, que trabalha no Aclimação:

Tem doze anos que eu moro aqui, servindo na... desde quando eu vim pra Uberlândia, me encontro na Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, servindo aqui em Uberlândia mesmo. Uma vez que em Governador Valadares é uma cidade pequena e interior de Minas Gerais, ruim de serviço, e tem... tive uma opção de entrar na polícia militar lá na cidade, e vim servir aqui em Uberlândia mesmo, que carecia muito de policiamento, que tinha muito emprego, e aqui em Uberlândia tinha falta de policiamento⁷

Analisando a experiência de outro policial que trabalha e mora no bairro há mais de doze anos, vindo de uma cidade chamada Campanário, que fica próxima à cidade de Governador Valadares, e que buscou através da mudança de cidade uma vida melhor. O relato do policial Cabo Marlúcio, revela perspectivas interessantes quando questionado sobre sua origem, e, o que fazia antes de se mudar para Uberlândia:

Eu era entregador em uma loja de eletrodomésticos, em outra cidade, em Governador Valadares. Morei lá por quinze anos, mas nasci numa cidade próxima, chamada Campanário. Infelizmente tivemos que sair da cidade para procurar uma coisa melhor, numa cidade mais distante.⁸

E o relato não muito diferente de outra moradora, que já foi apresentada, a Sra. Ederlaine Ferreira Lima, que, apesar do pouco tempo em que se mudou para Uberlândia, possui características semelhantes de vida e expectativas:

Eu sou de Valadares e estou gostando de morar aqui, aqui é bom, tem nove meses, cuido de casa e sou manicure.⁹

Como se pode observar, os policiais e a moradora têm origens comuns, apesar de se ter uma diferença temporal de mais de dez anos em relação ao tempo em que residem no bairro. É o retrato de Uberlândia e os migrantes que, desde 1980, se vêm atraídos por melhores condições de vida, saindo de suas cidades e vindo morar aqui. São opções pessoais corajosas enfrentadas por estas pessoas, que buscam em estímulos positivos,

⁷ Entrevista realizada com o policial militar Cb. Henrique, que trabalha no Bairro Aclimação, em 28 de fevereiro de 2007.

⁸ Entrevista realizada com o policial militar Cb. Marlúcio Gomes da Silva, que trabalha e mora no Bairro Aclimação, em 10 de setembro de 2007.

⁹ Entrevista realizada com a Sra Ederlaine Ferreira Lima, moradora do Bairro Aclimação, em 23 de agosto de 2007.

melhores condições de vida, acesso a recursos e opções, de que talvez possam ter sido privados em suas respectivas cidades.

Estas origens comuns, de regiões e famílias simples, demonstram que o bairro comporta pessoas de interesses comuns e, no caso dos policiais, é um pouco diferente, pois, além das expectativas de melhoria de vida, busca de emprego e estudo, eles entraram na corporação em um momento histórico da instituição, em que o salário do policial era muito baixo, sendo necessário o recrutamento de pessoas de outras cidades de Minas Gerais, para preencherem o quadro de policiais de Uberlândia.

Para se ter uma noção, o salário de um soldado, antes de 1997, era equiparado a um salário mínimo, e hoje está próximo a quatro salários. Considerando a defasagem de dez anos, o salário atual pode ser considerado bom, se comparado a outras profissões.

A atração das pessoas e a conseqüente ocupação do espaço do bairro se misturam em vivências e objetivos comuns, que se interagem em conflitos, onde policiais tentam manter um estado de ordem e moradores sonham com um lugar bom e seguro para criação das famílias.

A busca por melhores condições de vida, em outras cidades, faz dos grandes centros do país e mesmo das cidades de porte médio, como Uberlândia, pólos de atração, ou espécies de paraísos repletos de oportunidades de trabalho, educação e sucesso. A esperança, aos poucos, vai desaparecendo na medida em que frustrações começam a aparecer, mostrando uma realidade diferente do esperado. O otimismo dá lugar ao vazio e à sensação de não pertencimento, comum às pessoas que migraram: sejam policiais, comerciantes, estudantes. Nesse lugar, vínculos podem novamente se formar. O resultado é a busca de estímulos comuns entre as pessoas, que se funde em uma rede complexa de relações e tensões do cotidiano.

Os grupos que estão inseridos atualmente no bairro, ligados a histórias e momentos semelhantes, sofrem influências também de outros fatores, peculiares ao Aclimação. Para melhor vislumbrar este contexto, é necessário novamente refletir sobre o arranjo espacial do bairro. O contraste entre a riqueza e a pobreza está presente na estrutura física do bairro, que está cercado por um condomínio de luxo, com câmeras de segurança devidamente monitoradas, cerca elétrica, seguranças particulares e área de

lazer; espaço este privilegiado e desfrutado por um grupo que não pertence ao cotidiano do bairro Aclimação, apenas o “aprecia” pelos vidros dos seus grandes e luxuosos carros.

Recorrendo a Beatriz Sarlo, que trabalha bem a questão do conflito de classes no espaço da cidade de Buenos Aires, atrelado ao rápido processo de desenvolvimento urbano do final do século XIX, podem-se verificar semelhanças no Brasil que atinem para esta perspectiva. Os conflitos sociais no Aclimação, que se dão também entre os sujeitos do bairro e os da vizinhança, são inquietações que permeiam o imaginário dos grupos. Podem os moradores do bairro comprar um terreno no condomínio fechado e ali construir enormes mansões padronizadas, ou com dimensões mínimas exigidas e normatizadas? Os moradores do Aclimação possuem privilégios como segurança particular para fazerem sua proteção, ou contam com a sorte do serviço público? Esses são exemplos de inquietações que devemos ter, ao analisar o papel e o contraste das fronteiras citadas, quando inspirados pela mesma linha de reflexão de Beatriz Sarlo:

*A cidade cresceu sem que este ideal de homogeneidade fosse realizado plenamente; ele esteve, no entanto, na origem de muitas intervenções urbanas. Ainda que a divisão entre sul e norte tenha sido sempre uma divisão entre ricos e pobres, a mobilidade social induzia o cruzamento da fronteira que separava as classes sociais.*¹⁰

O fenômeno de desigualdade social, em virtude do crescimento urbano, ou a própria saída da classe alta dos centros da cidade, pode ser verificado nas grandes e médias cidades do Brasil, não apenas em Uberlândia: as pessoas ricas estão saindo do centro urbano, pois este local deixou de ser visto como ponto de moradia seguro e ostentação de riqueza, se transformando em um espaço estritamente comercial e violento. O recurso utilizado é o direcionamento aos locais afastados, onde são construídos espaços de moradia e lazer, mais parecidos com castelos de luxo, conhecidos como condomínios fechados. O conhecimento de tais locais pode ser percebido através das práticas de propagandas pela televisão, pelos olhos dos moradores vizinhos, ou por empregos braçais, como diaristas ou jardineiros, exercidos por moradores dos bairros vizinhos, como o Aclimação.

¹⁰ SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 52.

O conflito do espaço urbano é irônico, se pensado que a dinâmica da expropriação urbana interfere nas classes que detêm o poder econômico, e que, em tese, não deveria ser expropriada de espaço algum, haja vista a posição social e econômica que ocupa. No caso dos proprietários de imóveis nos condomínios, houve uma inversão, ou seja, em um primeiro momento algumas pessoas mais pobres foram de certa forma expulsas dos centros das cidades, e agora são os ricos que são obrigados a sair.

Para melhor entender este processo, é necessário recorrer ao contexto de urbanização dos grandes e médios centros urbanos brasileiros, na virada do século XIX para o XX. Tomando o Rio de Janeiro como referência para esta análise, sob a interpretação da historiadora Margarida de Souza Neves no período supramencionado, podemos entender que a urbanização das cidades tem um caráter extremamente excludente, que se dá aos sujeitos em virtude do espaço:

Mas a lógica excludente e hierarquizadora, cerne da violência que a “boa sociedade” chama de “ordem”, não se expressa apenas na estrutura desta sociedade que assume formas burguesas, nas manifestações explícitas de truculência ou na guerra civil que a polícia, a junta da higiene e os poderes públicos instauram nas ruas da cidade. Ela preside a própria tessitura do urbano. O caráter excludente da sociedade é também exclusão de espaço e exclusão de agentes sociais de determinados espaços.¹¹

A análise de crônicas urbanas produzidas na cidade do Rio de Janeiro e publicadas nos jornais do período já mencionado, na visão da historiadora, nos remete a pensar na reestruturação dos centros urbanos e bairros, sob o viés da exclusão e hierarquização do espaço. A tendência de exclusão “jogou” os pobres, que viviam nos cortiços urbanos do centro, para os subúrbios da cidade, dando início às moradias nos morros. O que pode ficar evidenciado no trabalho da autora, e que contribui para análise do bairro Aclimação, é que a origem e desenvolvimento dos centros urbanos, respeitados sua conjuntura histórica, temporalidade e objetivos de cada reestruturação, obedece a uma lógica disciplinadora e de exclusão do espaço sobre os sujeitos, que é desfrutado pelos grupos de maior poder de influência, principalmente político e econômico.

O conflito do espaço que ora exclui e ora disciplina interfere no modo de viver das pessoas, inclusive das classes mais altas, como no caso dos condomínio fechados.

¹¹ NEVES, Margarida de Souza. O Povo na Rua Um conto de Duas Cidades. In PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 139.

As pessoas atualmente saem do centro da cidade para locais afastados e protegidos por seu capital. A diferença é que os pobres são excluídos por não terem condições de viverem no centro, já os ricos decidem para onde vão, e investem em fortalezas de luxo e segurança.

Uma implicação maior sobre o cruzamento das fronteiras dos grupos sociais em um determinado espaço representado na visão do policial, que afirma que os sujeitos que cometem crime interferem diretamente no modo de vida dos demais moradores, pode ser compreendido em suas palavras:

*Influenciam, infelizmente influenciam, às vezes até por medo mesmo da sociedade ordeira de denunciar, acaba em certo ponto, entre aspas apoiando as ações deles, por medo.*¹²

O policial entrevistado se refere ao poder de influência que se dá de forma ideológica de uns indivíduos sobre os outros. A ascensão social é vista pelos indivíduos considerados criminosos, pelos policiais, como forma de tentação e recrutamento de outros jovens para seus grupos; como no caso do Bruno. Essas pessoas andam com roupas caras, carros e motos novos, dinheiro e belas mulheres, e isso chama a atenção dos outros. Aliado à percepção de que através do trabalho não se constrói uma bela casa em um condomínio fechado, existem ali pessoas que se vêem dispostas a partilhar desse modo de vida. Essa não é uma prática apenas da cidade de Uberlândia. Famílias de outras cidades do Brasil, que são desprovidas de acesso aos serviços públicos, se tornam alvo desta situação. Em alguns bairros, o dinheiro do traficante é o mesmo que compra o remédio, para quem não tem condições. E a “*sociedade ordeira*” retratada na fala do policial pode ser daquelas pessoas que ficam à mercê da violência, com medo de denunciar e algo de ruim acontecer a elas próprias ou a familiares.

A presença do Estado no bairro, inserida de certa maneira na figura do policial que ali mora ou trabalha, não funciona como mediadora do conflito entre os demais grupos, uma vez que ele está inserido em um problema comum, que é a disputa pelo predomínio do poder e influência dos grupos. O agir policial está entrando na esfera de convivência dos demais grupos, determinando posturas ou sendo determinado por elas.

¹²Entrevista realizada com o policial militar Cb. Marlúcio Gomes da Silva, que trabalha e mora no Bairro Aclimação, em 10 de setembro de 2007.

Um problema que é comum, apontando neste momento, aos demais grupos e sujeitos vulneráveis do bairro Aclimação, porque possuem familiares ou eles próprios podem sofrer influência dos considerados criminosos, e se coaduna com um modelo de sociedade que valoriza bens materiais, tecendo uma rede disciplinadora que é implantada.

Recorrendo ao trabalho do historiador Marcos Luiz Bretas, que analisa a inquietação dos sociólogos no século XX, no que se refere ao crime, observamos como o autor demonstra que foram feitos pelos pesquisadores poucos trabalhos sobre a polícia no Brasil; apenas se importaram, até aquele momento, em descrever as patologias sociais e estudos em torno de arquivos criminais. Ele deixa aberto para discussão que a violência precisa ser avaliada de maneira mais profunda, como parte integrante da vida social, e não apenas de forma generalizada, preconizando o mesmo discurso do controle dos pobres pelos governantes da elite. Vejamos a citação:

*Muitas das análises atuais estão focalizando o controle social e a produção do desvio, formadores das chamadas classes perigosas, como estratégias de um capitalismo em construção.*¹³

O autor examina, de forma cautelosa, o controle social e a formação dos grupos ou classes criminosas em um outro contexto, mas que pode facilitar a compreensão e o aprofundamento da imposição do conflito e exercício de influência no bairro dos dias atuais. Sua atenção não é voltada apenas ao controle social de um grupo sobre o outro. Ela aprofunda a abordagem social, em consequência de um modelo burguês de estado. A classe perigosa destacada pelo autor, e considerada fruto de um atual sistema capitalista, é composta pelos jovens que foram atraídos pelo grupo que é considerado perigoso. O sistema disciplinador presente na figura do policial, quando em exercício de atividades típicas de repressão, prendendo ou simplesmente multando, tem objetivo de coibir atos ilegais. Em contrapartida, o policial está atrelado ao conflito no bairro, porque mora ali e partilha da expectativa de resolver problemas enquanto policial, ou mesmo como morador, pois está inserido num grupo que pode sofrer influência dos demais, sendo pai de família e convivendo neste cenário.

¹³ BRETAS, Marcos Luiz. O crime na historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 53, 2. Sem.. 1991.

1.3-Policiais e Moradores: Expectativas e Necessidades

Os conflitos existem nos grupos de pessoas do bairro. Estudar e aprofundar esta relação entre policiais e moradores é uma forma de compreendê-los melhor. Problematicar sobre o papel do policial é um caminho interessante, pois ele é o instrumento que exerce a vigilância no bairro. Seus valores disciplinadores são indícios que nos remetem a entender mais as relações conflituosas em torno de seu papel de policial e de morador. Para tanto, se faz necessário entender como se dá a vigilância sob o prisma foucaultiano, num contexto em que o indivíduo é disciplinado em uma organização do espaço. O exemplo pode ser aplicado ao corpo disciplinado em força de trabalho pelo poder disciplinador, ou numa incorporação do poder apropriado ao estado. Essa incorporação do poder ao estado, apropriado na forma da vigilância, pode ser entendida como, nas palavras de Roberto Machado:

A vigilância é um dos seus principais instrumentos de controle. Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentar de descontínuo; mas que é e precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpétua, permanente; que não tenha limites, penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda a extensão do espaço.¹⁴

E ainda entendendo o policial como sujeito imbuído e capaz de ser um agente disciplinador, foquemos um olhar sobre sua função, que é exercida através de sua profissão. Para tanto analisaremos essa função policial através da autora Maria Glaucíria Mota, que descreve o desenvolvimento da instituição policial no Brasil, e que continua de grande relevância para aprofundamento e entendimento do que realiza o policial enquanto instituição que representa:

É a polícia o olhar sem rosto, que a tudo vê, para melhor controlar e disciplinar, no espaço possível, as relações sociais.¹⁵

Cabe ao policial o exercício da vigilância, o controle e a disciplina social. Ele exerce a vigilância não apenas aos que a seu julgamento infringem a lei, mas a todos que são sucumbidos a seu olhar disciplinador. Sua presença incomoda a quem por seu

¹⁴ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9.ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. XVIII.

¹⁵ BRASIL, Maria Glaucíria Mota. *A Genealogia da Instituição Policial no Brasil e no Ceará*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural/Universidade Federal do Ceará, 1990 (Série Idéias, 17). Mimeografado, p. 12.

olhar é “tocado”, porque exerce a vigilância ostentando um uniforme, uma arma, que agride a todos, sem que se tenha em tese, cometido um crime. Sua presença é tolerada enquanto predomínio de força do Estado sobre os sujeitos, e é autorizada e bem vista enquanto policial que recupera uma televisão furtada ou salva a vida de alguém em perigo, mas, nesse momento, ele fez seu trabalho, nada mais que isso. Essa é uma contradição que está estampada no seu papel. Como ser esta autoridade que disciplina e molda comportamento, sem interagir no cenário de atuação, presente no bairro? Ele consegue se desvencilhar do seu papel de policial, refletindo suas crises, seus problemas, inclusive familiares, pois não está livre de ser alvo dos demais grupos? Como ficam suas perspectivas em relação ao seu trabalho se, em um tempo, sua ação é valorizada e, em outro, é criticada? São indagações que permeiam o imaginário dos policiais, pois muitos vivem isso.

Alguns policiais que rondam o Aclimação têm consciência desse papel conservador que exercem. Na maioria do tempo de trabalho, não estão prendendo ou preocupados apenas com os que julgam ser criminosos. Estão patrulhando, conversando, visitando comerciantes e moradores. São vistos, passando pelas ruas, de carros, motos ou a pé, exercendo o que consideram ser seu papel de policiais. Na descrição da fala do policial que trabalha no Aclimação, pode ser verificado um pouco de ressentimento por parte dele, quando ele próprio afirma ser uma mal necessário, de que poucos gostam. Isso é revelado quando lhe é perguntado se já havia sofrido algum tipo de preconceito. Vejamos o que foi dito:

Muitos acham que, o policial militar não trabalha, que é só sentar e ficar passeando. É. Outras pessoas acham que a Polícia Militar, de certa parte, é desnecessários, só vê a necessidade da Polícia Militar quando precisa, quando é vítima de algum crime, aí eles nos recorrem, tendo como última opção. Oh, no começo era muito difícil. Era difícil mesmo, eu ficava chateado, hoje eu acostumei: sei que somos um mal necessário, poucos gostam mas todos precisam.¹⁶

Essa aprovação popular relativa é presente e percebida através dos preconceitos. A mesma pessoa que critica o policial que está passando pela rua em que mora, quando necessita de sua ajuda, repentinamente, muda sua concepção. Aquele policial que só fica passeando precisa ajudá-la, e as relações aparentemente parecem mudar, de forma harmoniosa. Quem cometeu o crime precisa ser achado e preso, o material recuperado,

¹⁶Entrevista realizada com o policial militar Cb. Marlúcio Gomes da Silva, que trabalha e mora no Bairro Aclimação, em 10 de setembro de 2007.

e, na maioria das vezes em que isso acontece, as tensões não diminuem, porque, para os moradores, o policial não terá feito mais que seu trabalho.

As estruturas das relações sociais baseadas no conflito e situações angustiantes aproximam e afastam policiais e moradores, na medida em que são tolerados. Quando alguma coisa altera o estado de ordem dentro do bairro e o policial intervêm, existe a aproximação, e, de modo inverso, quando a presença policial constrange, exercendo a vigilância, ele sofre o preconceito, tendo em vista que sua função de patrulhamento é tida como passeio e desperdício de dinheiro público.

O conflito e a harmonia preenchem o espaço do bairro, e os sujeitos que ali interagem. As relações que ali permeiam são resultados de frustrações e vontade de mudança individual e coletiva. A esperança de mudança de vida e prosperidade material leva esses sujeitos a uma realidade não esperada, que se funde em disputas ideológicas e materiais, de acesso a bens, pessoas e exercício de poder. O cotidiano desses sujeitos de origem e expectativas comuns, somado às experiências conflituosas, tende à necessidade de mudança de objetivos, que pode ser notada nas ações conjuntas desses grupos.

A tentativa de mudança do cenário urbano, violento e conflituoso faz parte de um processo que está em construção no Brasil, desde o fim do período ditatorial militar, tentando se instalar de fato uma democracia, e, nesse contexto, uma polícia mais cidadã, diferente daquele modelo violento, arbitrário, abusivo, que perdurou durante anos no Brasil, nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Existe uma tentativa de mudança nas práticas policiais adotadas hoje, se considerarmos as novas propostas teóricas implementadas na formação do policial, que não existiam antes, como direitos humanos, polícia comunitária, ou mesmo a abertura de discussões de problemas, através dos conselhos de segurança dos bairros.

Não se admite, no contexto atual, uma postura de meados do século passado por parte dos policiais, em virtude do atual contexto que está em implementação, como diferentes formas de denúncias, maior espaço e abertura para críticas às ações policiais, como as corregedorias policiais, ou acesso à promotoria do cidadão, que é incumbida de ouvir e apurar atos que atentem contra direitos dos cidadãos.

Os sujeitos que compõem o Aclimação, assim como outros bairros da cidade, querem mais do que segurança. Suas vidas são ameaçadas na medida em que o predomínio de um grupo considerado perigoso funcione como uma engrenagem cíclica, levando seus filhos a um caminho sem volta.

Na perspectiva dessas tentativas de mudança, de uma democracia em formação, o policial adota hoje uma postura nova, se relacionada aos velhos hábitos policiais: como o distanciamento aos demais sujeitos, postura e ação apenas repressiva, ou atuação apenas como mediador dos conflitos. Isto pode ser afirmado com base nas novas diretrizes que regulam e moldam seu comportamento, que coadunam com a nova proposta inserida em diretrizes institucionais, baixadas pelos altos comandos da polícia, e que o policial é obrigado a se adequar. Um exemplo dessas diretrizes é a número quatro do ano de 2002, baixada pelo Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, que define o que vem a ser a polícia comunitária, sendo entendida como:

*É uma nova filosofia ou estratégia organizacional que proporciona uma nova parceria entre a população e a polícia. Baseia-se na premissa de que tanto a Polícia quanto a comunidade, devem trabalhar juntas para identificar, priorizar e resolver problemas contemporâneos, tais como crime, drogas, medo do crime, desordens físicas e morais, e em geral a decadência do bairro, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da comunidade.*¹⁷

Os policiais em formação nos batalhões participam de cursos ministrados por instrutores, que se coadunam com estes preceitos, e aqueles que trabalham nas ruas participam de treinamento obrigatório a cada dois anos. Existe resistência, principalmente por policiais mais antigos, que partilharam de outro contexto histórico, de distanciamento, violência e repressão, e eles não acreditam que esta tentativa possa dar certo.

Dentro do próprio bairro existem reuniões comunitárias, que se iniciaram aproximadamente nos anos de 2000, inseridas nas novas diretrizes de polícia. São montadas nos bairros da cidade, em locais selecionadas pelos moradores, como sedes dos conselhos de segurança pública, com pessoas voluntárias, onde se reúnem periodicamente, geralmente uma vez por mês, para discussão de problemas pertinentes a violência ou outros que surgirem.

¹⁷Extraído da Diretriz para Produção de Serviços de Segurança Pública 04/2002. MINAS GERAIS. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. *Diretrizes para a Produção de Serviços de Segurança Pública* 04/2002. Belo Horizonte, MG, 2002.

Esses conselhos têm livre participação popular sendo coordenados por moradores do bairro, e o policial é convidado para participar juntamente com as demais pessoas, sendo que as questões pertinentes à segurança são aconselhadas ou solucionadas por todos. Isso é a teoria, pois a prática nem sempre acontece de forma harmoniosa. Para tanto, analisaremos o posicionamento do policial Cabo Marlúcio, que trabalha no Aclimação a respeito da realização dessas reuniões:

Têm, tem sim, a princípio a Companhia mesmo tem, reuniões comunitárias, onde convida muitas pessoas da comunidade para participar das reuniões, só que infelizmente poucos se interessam em participar. É nessas reuniões, a princípio, a gente poderia tá mostrando nosso real serviço, o que realmente a gente, a gente presta a sociedade, entendeu, pra eles reconhecerem o nosso trabalho, e transmitir também para as outras pessoas que as vezes não tem tempo de ir nas reuniões, participar, ou até mesmo desinteresse mesmo, ficam achando que não é, ou seja, que não faz parte da sociedade, não tem nada a ver com aquilo, aquilo é problema do Estado.¹⁸

Os problemas são discutidos entre moradores e policiais que pertencem ao bairro, e, em conjunto são buscadas soluções que afetem outras áreas do poder público ou privado. Iniciativas simples, como iluminação de ruas ou solicitação de patrulhamento policial em certos horários e locais do bairro, podem ser medidas eficientes para se construir um espaço melhor.

A resistência existe também por parte dos moradores, que deixam de participar por algum motivo. Talvez ainda por carregar aquele estigma em torno da figura do policial, que está ali para fiscalizar, punir, vigiar, mesmo partilhando de problemas comuns, pois são em sua maioria moradores do bairro; ou, aquela aversão que parte do policial, que estereotipa as pessoas, imaginando que os problemas de segurança só podem ser solucionados por ele.

Existe o desafio constante em se aproximar os grupos diferentes do bairro, considerando problemas e tensões do cotidiano. Analisar as necessidades e expectativas comuns de forma mais acentuada é um exercício para compreender esta dinâmica social.

¹⁸Entrevista realizada com o policial militar Cb. Marlúcio Gomes da Silva, que trabalha e mora no Bairro Aclimação, em 10 de setembro de 2007.

Para isso, é necessário refletir sobre estas expectativas partindo da análise dos moradores e policiais, numa relação entre indivíduos e instituição, por vezes tentando separar as pessoas e as instituições que representam.

Para fazer uma abordagem sobre as necessidades e expectativas comuns, de grupos diferentes, é necessário entender o que existe de significativo para cada um deles. Não avaliar a pessoa pelo que ela faz, mas principalmente pelo que busca ou tenta fazer, e entender que ela está inserida em grupos e espaços, que sofrem influências, comuns ou não aos outros grupos.

Na tentativa de entranhar em uma abordagem que busque uma atenção maior no que se refere ao papel da instituição policial, é importante buscar no pensamento de Marcos Luiz Bretas, que tenta romper ou aprofundar a questão da pesquisa que se volta somente ao controle dos pobres pela elite:

A atenção maior dos pesquisadores contudo, volta-se geralmente, para o controle dos pobres pelos governantes da elite.¹⁹

O policial morador do Aclimação realiza seu papel institucional de controle social, à medida que partilha desse preceito de manter um estado de ordem, que faz prevalecer a vontade de um grupo que está no poder sobre os demais. Mas ele se coloca em outro lugar, enquanto morador, que o faz ir além desse papel, tanto no seu cotidiano de trabalho, quanto em seu horário de folga. Sua expectativa de morador está inserida no âmbito pessoal, familiar, religioso, vivendo experiências comuns às outras pessoas. O relato do policial esclarece seu ponto de vista e sua preocupação antes de iniciar o serviço e como se sente trabalhando, ao ser indagado sobre a periculosidade do trabalho policial:

No momento em que a gente coloca a farda, e sai de casa pra ir trabalhar, a gente já vê em perigo que é nossa farda. Ela chama a atenção. Não vou falar que é tipo uma árvore de Natal, mas é, é foco, é foco da gente ser espelho de muita coisa, inclusive ser espelho de pessoas honestas e de pessoas criminosas, de ver a gente com outro olhos. Ai, no momento em que as pessoas vê a Polícia Militar, eu acho que a gente tem de andar sempre atento, porque é um serviço perigoso, não é fácil a gente lidar com problemas dos outros, e muitas das vezes a Polícia Militar faz o papel de médico, né, em acidentes, faz o papel de psicólogo, aconselhando, faz o papel de muitas outras coisas, advogado, né. Então, a Polícia Militar tem de estar sempre pronta para acolher, igual eu já

¹⁹BRETAS, Marcos Luiz. O crime na Historiografia Brasileira: uma revisão na pesquisa recente. Op. Cit. P. 57.

*tinha falado, através de preparação, preparar o psico... o psicológico da gente mesmo, antes de entrar no serviço.*²⁰

O policial, realizando seu serviço típico de polícia, executa outras tarefas que o leva a participar intensamente dos anseios dos demais grupos do bairro. O limite que separa o profissional do pessoal é rompido quando ele aconselha, acolhe, participa dos conflitos, indo além do papel institucional citado, de dominação de um grupo que governa.

Analisando anseios que partem dos moradores, mas que podem ser considerados comuns, como este relatado pela moradora do bairro, Sra. Ederlaine Ferreira Lima, se queixando de necessidades estruturais, ou mesmo falta de segurança. Vejamos:

*A prefeitura está deixando de fazer seu papel, o asfalto principalmente. Eu acho assim tem que melhorar mais o policiamento. Igual assim, tem bastante polícia, mas à noite, quando chega a noite tem menos*²¹.

Podem ser verificadas também necessidades e expectativas através de outras pessoas. O depoimento seguinte é muito revelador de problemas e expectativas pessoais ou coletivas, através de um senhor de cinquenta e um anos de idade, natural de Dorés do Indaiá, que mora em Uberlândia há mais de quinze anos, e atualmente é comerciante. Veja o que foi relatado pelo Sr. Silvano Lúcio Oliveira, quando indagado sobre os problemas do bairro:

*Precisa de segurança, escola, precisa de um monte de coisa, área de lazer também. Ah, falta muita coisa ainda. Sempre crescer mais um pouco, sempre descobrir coisas e crescer mais um pouco, não pode parar não*²².

Os moradores relatam necessidades que podem ser entendidas como públicas, pois são pertinentes a todos no bairro, sendo necessidades sociais e de grupo, e, ao mesmo tempo, deixam transparecer desejos e anseios pessoais, como necessidade de crescer pessoalmente; anseios estes trazidos desde a origem de outras cidades, e que se modificaram na medida em que objetivos foram alcançados. No caso em particular do, Sr. Silvano Lúcio Oliveira, que viveu até os trinta e seis anos de idade em sua cidade natal, trabalhando como motorista e buscando em Uberlândia a realização profissional,

²⁰Entrevista realizada com o policial militar Cb. Henrique, que trabalha no Bairro Aclimação, em 28 de fevereiro de 2007.

²¹Entrevista realizada com a Sra. Ederlaine Ferreira Lima, moradora do Bairro Aclimação, em 23 de agosto de 2007.

²²Entrevista realizada com o Sr. Silvano Lúcio Oliveira, morador do Bairro Aclimação em 03 de janeiro de 2008.

na década de 1990, suas expectativas, hoje, se modificaram, e sua vontade de crescer pode estar associada à atividade que desempenha como comerciante no bairro.

As necessidades estão em constante modificação, variando de interesses coletivos, institucionais, profissionais ou individuais. Assim como o policial ultrapassa a barreira institucional, deixando fluir expectativas que não são institucionais, o morador rompe a barreira do grupo, permeando anseios individuais; como se existisse mesmo uma barreira a ser transposta.

Essas quebras de paradigmas, que só se tornam visíveis ao se separar os grupos sociais das instituições que representam, indicam um caminho interessante para se problematizar o preconceito sofrido e as dificuldades de relacionamento vividas por policiais e moradores, que podem estar situados no campo das instituições ou grupos, e não na esfera pessoal.

O policial, que é visto na viatura pelo comerciante do bairro, é o mesmo que vai a seu comércio nos horários de folga. E o comerciante, que necessitou da presença de uma viatura em sua porta, é o mesmo que frequenta as reuniões comunitárias. Suas instituições ou grupos que representam podem ser vistos e sentidos nas relações entre si, mas pode não existir o estreitamento dos laços enquanto indivíduos.

A aproximação desses indivíduos pode não ocorrer de forma real, mas eles se relacionam e têm uma concepção acerca das outras pessoas. O estereótipo que se forma pode não estar atrelado ao indivíduo, mas à instituição a que pertence. O policial pode sofrer preconceito por pertencer ao Estado, agindo e mantendo a ordem, mas isso não seria a sobreposição de um valor negativo à figura da pessoa, atribuindo e rotulando os diferentes sujeitos? O difícil talvez seja separar este sentimento que pode não ser claro para todos os indivíduos, que têm valores próprios dos grupos aos quais pertencem.

As pessoas atreladas aos seus grupos, inseridas em um mesmo cenário, como no Bairro Aclimação, que partilham de expectativas e necessidades comuns, podem ser julgadas por atividades que realizam ou valores que acreditam.

Uma proposta de aprofundamento sobre o cotidiano do bairro e suas relações, principalmente nas questões direcionadas aos policiais e moradores, se faz necessário para entender um pouco mais sobre este contexto.

Para isso, se faz necessário entender mais sobre a instituição policial, refletida nas ações dos policiais que estão inseridos no bairro, não apenas no trabalho cotidiano dos conflitos, mas em um cenário de atuação específico, em uma escola e sala de aula, ministrando aulas para crianças e adolescentes, sobre violência, drogas e criminalidade.

Trata-se de um programa educacional ministrado por policiais na escola do bairro, algo que precisa ser analisado com cuidado, pois parte da mesma instituição do Estado que adota medidas repressivas de controle social. Os policiais pertencentes a esta instituição possuem formação comum, obedecendo aos mesmos preceitos disciplinares, hierárquicos, conjunto de normas e leis, que regulam suas ações. Uma reflexão institucional é primordial, para partirmos para o contexto da escola.

Capítulo 2

A Atuação Policial no Contexto Escolar do Bairro Aclimação

2.1-Normas que Regem os Policiais e Suas Ações

Os policiais militares são regidos por normas internas, leis e regulamentos, com intuito de moldar seus comportamentos, aplicando sobre eles sanções ou recompensas, de acordo com suas atitudes, em horário de serviço ou folga. Essas medidas administrativas não impedem quaisquer outras medidas judiciais, ou seja, os policiais estão sujeitos a todas as demais leis e normas aplicadas às outras pessoas, inclusive respondem também a um Código Penal Militar. São amplos os seus deveres, e ainda são privados de alguns direitos, capitulados na Constituição Federal de 1988, como:

- *ao militar são proibidas a sindicalização e a greve;*
- *o militar, enquanto em serviço ativo, não pode estar filiado a partidos políticos...*²³

Essa privação de direito em forma de proibições, foi normatizada pelo fato da ligação militar atrelada ao trabalho policial. Além de serem policiais atuando diretamente na segurança pública, carregam a incumbência da classe militar estadual, e são subordinados ao Exército como força auxiliar. A proibição das greves está intrinsecamente atrelada a outra peculiaridade do seu trabalho, ou a um objetivo maior. Por ser considerado serviço público essencial, a greve é proibida. Por outro lado, não se podem parar milhares de homens armados, que estão subordinados diretamente ao governador. É necessário proibir e inculcar isto enquanto valor aos policiais, para não haver consequências mais sérias.

Esse contexto de proibição de direitos leva alguns militares a travarem lutas judiciais e alguns avanços são notados, através da candidatura de alguns policiais a cargos políticos. A outra implicação é que essas proibições acompanham o policial onde

²³ Ver Artigo 142, 3º parágrafo, inciso IV e V da Constituição de 1988. BRASIL. *Constituição (1988)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

ele atua, seja no bairro ou na escola - ao longo do desenvolvimento do Programa PROERD, por exemplo -, ele pode se sentir diferente das demais pessoas, por viver em um país democrático de direito, sem gozar de todos os direitos que deveriam ser comuns. Essa privação de direitos à pessoa do policial pode ainda interferir na sua prática em sala de aula, durante o Programa, mesmo que de maneira subjetiva ou sem intenção, acrescentados ou não valores de sua formação policial, aos alunos.

Podemos verificar indícios de valores policiais, inseridos no espaço da escola com o desenvolvimento do PROERD. Para tanto, é necessário estar atento aos menores ou mais sensíveis indícios, como na entrevista realizada com um policial que trabalha na escola do Bairro Aclimação. Sua origem é semelhante à de outras pessoas do bairro, pois vêm da cidade de Monte Carmelo, no ano de 2002, para seguir a carreira policial. Vejamos um trecho do seu relato, quando indagado sobre a violência no Aclimação, e seu trabalho nas escolas:

*Existe uma inversão de valores. Quando você adentra a sala, eles têm receio de conversar com o policial, e realmente o certo pra eles é andar de boné de abas pra cima, e falar que é mala.*²⁴

A qualificação de características de vestimentas aos alunos é um indício de juízo de valor marcante e forte do policial. Está atrelada, mesmo que subjetivamente, a suas perspectivas, que podem influenciar na educação ou no espaço escolar. É sensível pensar esta questão, pois não existe base concreta para fazer maiores afirmações. O que paira é certa desconfiança de possíveis consequências, das relações entre policiais e alunos no contexto escolar, numa dinâmica que se segmenta em trocas de vivências.

Outras atribuições aos policiais, marcantes por sua formação profissional, são especificadas por leis federais, estaduais e normas institucionais. Para melhor situar, vejamos a parte institucional ou administrativa, e algumas situações presentes no Código de Ética dos policiais de Minas Gerais, que define o que é a ética militar:

A honra, o sentimento do dever militar e a correção de atitudes impõe conduta moral e profissional irrepreensíveis a todo integrante das Instituições Militares Estaduais, o qual deve observar os seguintes princípios de ética militar:

I- Amar a verdade e a responsabilidade como fundamentos da dignidade profissional;

²⁴ Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, em 22 de fevereiro de 2007.

II- Observar os princípios da administração pública, no exercício das atribuições que lhe couberem em decorrência do cargo;

*III- Respeitar a dignidade da pessoa humana; dentre outros.*²⁵

É possível perceber, através do regulamento ético, uma série de princípios que o policial deve seguir para não cometer transgressões, e, em virtude disso, ser punido, variando desde advertências verbais à exoneração do cargo.

As transgressões variam por natureza, entre grave, média e leve. Faltar ao serviço ou dormir em serviço é uma transgressão grave, que pode ser punida com perda de pontos na ficha disciplinar, suspensão de pagamento ou perda da função pública em algumas situações. Tudo isto, obedecidas às transações legais, como direito de defesa, nomeação de defensor público, submissão a um conselho que avaliará a conduta do policial, dando seu parecer ao comandante do batalhão que tem a incumbência de aplicar a punição respectiva ou pedir o arquivamento do caso.

O mesmo código que pune o policial também o recompensa. Neste sentido, vejamos qual é a definição presente no regulamento ético, para essas premiações:

*Recompensas são prêmios concedidos aos militares em razão de atos meritórios, serviços relevantes e inexistência de sanções disciplinares.*²⁶

As recompensas podem ser elogios escritos em ficha, dispensa de serviço, cancelamento de punições, consignação de notas meritórias e até promoção por ato de bravura. O ato de bravura pode elevar o policial um posto acima, desde que ele faça algum ato meritório, de extrema coragem e relevância social. Nos últimos seis anos em Uberlândia, não houve nenhum militar agraciado com tal recompensa. Todas as ações meritórias são examinadas através de um processo administrativo para comprovação do ato meritório, e somente depois o policial é agraciado e homenageado.

Analisando as normas que regulam as ações policiais, é possível perceber que o exercício da vigilância não é aplicado apenas às pessoas da comunidade, pelos órgãos do Estado. Ela molda também o comportamento do policial em virtude das possíveis punições aplicadas. É uma rede complexa de vigilância que permeia os indivíduos, que

²⁵Ver lei estadual N. 14.310, de 19 de junho de 2002, art. 9º.Cf. MINAS GERAIS. Governo do Estado de Minas Gerais. *Código de Ética dos Militares*. Belo Horizonte, 2002.

²⁶Ver lei estadual N. 14.310, de 19 de junho de 2002, art. 50º.Cf. MINAS GERAIS. Governo do Estado de Minas Gerais. *Código de Ética dos Militares*. Belo Horizonte, 2002.

exercem funções públicas ou não. Recorrendo ao autor Robert D. Storch, que estuda a organização policial fardada na Inglaterra, e elementos que constituem a disciplina social no século XIX, podemos problematizar acerca de padrões de comportamento dos policiais, que interferem no policiamento do Bairro Aclimação. Vejamos como é definido o policiamento quanto a seu objetivo:

Desenvolve-se a idéia de que o policiamento era uma parte proeminente da tentativa de se criar um novo padrão básico de ordem urbana - o esboço de novos limiares do comportamento individual e coletivo tolerado em público".²⁷

Um padrão básico de comportamento é moldado ao policial no processo de formação, que corrobora para sua função de criação ou controle de padrões comportamentais urbanos. Nas ruas do bairro, ou onde quer que ele exerça sua atividade, seu comportamento, que em outro momento foi de certa forma padronizado, pode ser questionado, pelos superiores hierárquicos ou por denúncias de membros da sociedade, que devem ser apuradas, quando o policial ferir algum preceito comportamental que lhe foi regulado institucionalmente, ou quando atentar contra o direito das demais pessoas, cometendo abusos ou crimes. A questão interessante é: existe a padronização de comportamento institucional, porque derivam de uma instituição pública, que são remetidos aos mais íntimos laços sociais, quer seja através da fiscalização exercida pelo policial em serviço, ou sua inversão, através da fiscalização das pessoas da comunidade, que podem denunciar quaisquer atos cometidos pelos policiais, considerados ilegais ou abusivos.

O aprofundamento do entendimento das relações entre moradores e policiais se torna mais complexo, à medida que se vai conhecendo e desvendando os mecanismos de dependência e fiscalização de um sobre o outro. Podemos entender um pouco o conflito que permeia estes grupos através deste exercício de compreensão e problematização.

Como forma de aprofundar sobre a relação entre policiais e moradores, é preciso analisar um espaço ainda menor de atuação de um policial, não menos complexo por ser menor, mas rico em detalhes a ser explorado.

²⁷ STORCH, Robert D. O Policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p.7, 1985.

O ambiente escolar, acrescido de um policial fardado que exerce de certa forma o papel do professor, mesmo não sendo graduado na área, interagindo com a direção da escola, pais, professores e alunos, merece atenção. Pode ser uma nova forma de fiscalizar e moldar comportamentos, ou também uma tentativa de aproximação entre estado e sociedade, se pesarmos em seu contexto de inserção enquanto policial, ou, ainda, com intuito de conscientizar e afastar crianças e adolescentes das drogas e criminalidade, no âmbito de educador, evitando assim outros problemas, como no caso do Bruno.

2.2-A Implementação do PROERD no Brasil

O PROERD, Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, é um trabalho conjunto entre Polícia Militar e sociedade, ilustrado no papel da escola e família, com intuito de prevenir o uso de drogas e violência entre jovens e estudantes do ensino fundamental. O programa é aplicado nas escolas da rede oficial de ensino, destinando-se, prioritariamente, a estudantes na faixa entre nove e onze anos. O programa original norte americano é composto por dezessete lições ministradas por um policial militar uniformizado e capacitado por curso próprio, tendo como modelo a ser seguido, um manual do instrutor, sendo que cada aluno recebe um livro do estudante. A apresentação do programa contida no manual do instrutor cita o nome original do PROERD. Vejamos:

*O Programa Educacional de Resistência às Drogas- PROERD, é a versão brasileira do programa norte americano DARE- Drug Abuse Resistance Education, surgido em 1983.*²⁸

O contexto de implementação do programa original norte-americano, pelo Departamento de Polícia de Los Angeles e do Distrito Escolar daquela cidade, se deu principalmente pelo aumento dos crimes relacionados com o uso de drogas. Na década de 1980, várias pessoas estavam sendo presas, por cometerem algum crime, em

²⁸MINAS GERAIS, Secretaria de Estado de Segurança Pública. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas gerais. *Manual do Instrutor 6ª série*. Belo Horizonte, 2004. Apresentação.

decorrência do uso de droga, ou a ela ligado indiretamente. A reincidência era muito grande em curtos espaços de tempo.

O projeto foi pensado e elaborado por iniciativa de uma equipe formada por policiais e pedagogos, visando prevenir o uso das drogas. Recorrendo ao autor Antônio Alberto Brunetta, que já fez trabalho sobre o PROERD no estado de São Paulo, é possível ter uma aproximação maior da origem do programa:

A educação, no sentido dos valores, da auto-estima e de um estilo de vida positivo, compõe o programa de aulas que foi elaborado para ser oferecido às crianças das 4ª séries da cidade de Los Angeles. Os resultados positivos repercutiram e geraram grande interesse em outras cidades norte-americanas, tanto que em 1986, 48 departamentos de polícia enviaram seus homens a Los Angeles para serem treinados e em 1987, 398 departamentos de polícia de 33 estados dos Estados Unidos da América já acompanhavam o programa.²⁹

O DARE, portanto, é uma organização nacional sem fins lucrativos que apoia a implementação do programa, não só no país de origem como em outros países. Sua ação no Brasil visa: coordenar medidas que variam desde campanhas educativas de prevenção ao uso das drogas, à confecção de materiais e treinamentos de policiais instrutores; ou ainda regular qualquer tipo de alteração ou autorização sobre o programa, mesmo depois de instalado. Vale ressaltar que qualquer ação que implique em disseminar o programa depende do aval do país de origem. O Brasil conta com uma autorização que vale por dois anos para funcionamento do programa, sendo que representantes do DARE fiscalizam toda e qualquer ação referente ao programa, sendo que esta licença deve ser novamente renovada.

A chegada do programa norte americano ao Brasil se deu com o aprofundamento das relações entre as polícias, nos primeiros anos da década de 1990. Isso só foi possível, segundo Antônio Alberto Brunetta, graças a uma equipe de “mentores”, para formar os primeiros instrutores. Somente instrutores policiais capacitados por curso podem desenvolver os programas nas escolas. Analisemos, portanto, a parceria entre as polícias e a instalação do PROERD:

Como fruto dessa aproximação, o programa Dare América chegou em 1992 ao Brasil, através da Polícia Militar do Rio de Janeiro, quando uma equipe de “mentores” americanos aqui esteve para ministrar o primeiro curso. No entanto em nosso país o nome do projeto foi adaptado, passando a ser

²⁹ BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade Policial na Escola*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006, p. 65.

*denominado Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)*³⁰.

A abertura política brasileira, iniciada em meados da década de 1980, em virtude do fim do período ditatorial, contribuiu significativamente para promoção e implementação de projetos como este. As novas tentativas começam a reestruturar o modelo de policiamento brasileiro, dando indícios de uma polícia menos repressiva. O programa coloca-se como um exemplo de prevenção: tem como proposta trabalhar a causa de um problema considerado grave sob a ótica legislativa vigente - o uso da droga e o aumento da violência.

Atualmente, o programa está presente na maioria dos estados brasileiros, submetidos ao comando de cada batalhão de polícia. Tem parcerias importantes que ajudam na sustentabilidade do programa, como a SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública), SENAD (Secretaria Nacional Antidrogas), SISNAD (Sistema Nacional Antidrogas), além de outras secretarias estaduais e municipais, principalmente aquelas ligadas à educação.

Os batalhões de polícia possuem uma equipe permanente de policiais instrutores para aplicação de aulas nas escolas. Todos eles são capacitados através de um curso direcionado com oitenta horas aulas. Ao fim do curso, eles recebem a função de policiais instrutores, e, depois de três anos, no mínimo, na função de instrutor, o policial pode passar por outro curso de capacitação para se tornar formador de instrutores, podendo ministrar cursos de capacitação de instrutores aos demais policiais. Minas Gerais possui um núcleo de capacitação de instrutores, e policiais de outros estados participam de cursos referentes ao programa.

Em Uberlândia, o PROERD é aplicado desde o ano de 1997, atuando nas escolas do ensino fundamental, sejam particulares ou oficiais, desde que haja o convite por parte da escola interessada. O 17º Batalhão de Polícia Militar é responsável pelo programa no Bairro Aclimação. Conta com um quadro atual de aproximadamente vinte policiais militares, sob coordenação de um tenente, que é incumbido de gerenciar os demais instrutores. Estes, quando em período letivo, não trabalham o tempo todo nos demais serviços policiais, mas, ao término do período de aplicação do programa nas

³⁰ BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade Policial na Escola*. Op. Cit. P. 65.

escolas, eles voltam à rotina de emprego operacional, nos locais em que eram lotados. São policiais comuns no que tange ao desempenho de tarefas, inclusive repressivas.

O programa sofreu uma reestruturação, através de encontros e seminários de policiais brasileiros, sob autorização dos precursores norte-americanos, que inclusive fiscalizam e participam destes encontros, havendo, portanto modificações nas lições a serem ministradas. Ao invés de dezessete lições que eram apenas traduzidas e aplicadas às quartas séries do ensino fundamental, foram elaboradas dez lições para serem aplicadas nas quartas e também nas sextas séries, do ensino fundamental. O aluno que participou do programa na quarta série será submetido novamente às lições como reforço na sexta série.

As lições originais que eram simplesmente traduzidas e ministradas nas quartas séries do fundamental, uma vez por semana, consistem nas seguintes lições, de acordo com o manual do estudante

A Lição I é a apresentação do programa com seus objetivos propostos, de resistência às drogas. O aluno deve preencher a cartilha com nome, nome do policial, professor da turma, série e telefone, e trazer assinado pelos pais. Nesta fase existe uma inserção de dinâmicas de grupo, objetivando intensificar o nome do programa, como a repetição em voz alta pelos alunos de *“hoje é dia de...PROERD”*. Elementos simples de didática, como trabalho com palavras chaves, que se relacionam ao programa, são aplicados pelos instrutores, como tensão, conflito, violência, risos, e a afirmação de um direito positivo de cidadão é incitado, como respeito, segurança, educação ou direito de dizer não. Este primeiro contato com os alunos é feito de forma alegre, como se o policial estivesse angariando simpatia para com os alunos. A tentativa clara de aproximação do policial e a busca constante de rotulações negativas ao uso da droga são tentadas.

Nas lições que se seguem são trabalhados conceitos e definições de drogas, seus tipos, conseqüências no organismo, e exemplos práticos como contos de histórias como opção didática. Uma preocupação percebida nestas aulas diz respeito ao relacionamento dos alunos e seus círculos de amizades. O estímulo recebido, negativo e positivo, como uso de cigarros por colegas, e a resistência para o não uso são enfocados, e maneiras de dizer “não” são enfatizadas.

Na Lição V, podemos notar exemplo disso:

Você gostaria de uma bebida? – Não, obrigado.

Você gostaria de uma cerveja? – Não, obrigado, não quero ficar tonto.³¹

Atividades em forma de exercício reforçam a mensagem de resistência às drogas, constantemente relacionado-as com consequências prejudiciais à saúde. O aprofundamento das lições ensina aos alunos algumas técnicas de mensagens dos meios publicitários. Imagens são mostradas de pessoas alegres bebendo, diversões ou apelo sexual atreladas ao cigarro e bebidas. E como forma de tentativa de elucidação dessas técnicas, atribuindo a elas um caráter negativo, uma proposta de exercício inverso é aplicado, onde os alunos montam um comercial, dizendo “verdades” sobre os produtos. Essas verdades são as ensinadas no programa pelo policial.

Outras lições se seguem com o mesmo cunho didático de reafirmação negativa ao uso de drogas, e, em contraste, valores considerados pelos policiais como positivos são sempre trabalhados. Ao final das lições, o aluno é questionado quanto a posturas diante de problemas e decisões a serem tomadas. Ele passa a ser denominado “proerdiano”, como reafirmação de adesão e aceitabilidade ao PROERD. O manual do estudante traz ainda o hino nacional, a canção do PROERD, e um juramento onde o aluno promete aos pais, à escola e à comunidade, ficar longe das drogas e da violência.

As mudanças apresentadas nas lições do programa original para sua adequação em duas fases, nas quartas e sextas séries, trazem semelhanças na metodologia e conteúdo a ser aplicado. São dez lições que variam a introdução do programa, partes conceituais sobre drogas e efeitos no organismo, análises de comerciais e treinamento de habilidade de resistência. Responsabilidades sociais, como honestidade e seguimento às leis são também lecionados aos alunos, vejamos:

Responsabilidades legais: são regras escritas na forma de leis, tais como: respeitar a propriedade alheia, respeitar a privacidade alheia, garantir escolaridade aos menores dos 7 aos 14 anos, votar e outros.³²

³¹MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de segurança Pública. Comando Geral da polícia Militar do Estado de Minas Gerais. *Livro do Estudante 6ª série*. Belo Horizonte, 2004. Lição V, p. 18.

³²MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de segurança Pública. Comando Geral da polícia Militar do Estado de Minas Gerais. *Livro do Estudante 6ª série*. Belo Horizonte, 2004. Lição IX, *responsabilidades sociais e legais*, p. 38.

São ensinados valores sociais baseados também em uma estrutura social que faz alusão à propriedade privada e relações de uma sociedade atual burguesa. Podemos apontar direcionamentos de posturas a serem moldadas, como atitudes em relação ao que não se fazer, ou o que se pode e se deve fazer, como acima mencionado, o direito de votar e estudar.

As lições são ministradas na escola, desde que o diretor, que se interesse em adotar o programa, dirija uma solicitação de inclusão em forma de ofício ao batalhão respectivo do seu bairro. Somente com a abertura que parte da escola é que a polícia apresenta o programa prático. É considerado critério básico de instalação, a voluntariedade e participação da escola no processo interativo.

Entender o funcionamento prático do programa em sala através da rotina de emprego de um policial instrutor no Bairro Aclimação é significativo para se estabelecer uma relação menos teórica e mais profunda às questões sociais. Para isso avaliaremos a Escola Estadual Juscelino Kubistchek, situada no Bairro Aclimação.

2.3-O PROERD no Bairro Aclimação

A abertura do espaço escolar ao policial fardado, levando, em tese, um programa educacional de prevenção ao uso de drogas e violência, implica em pensar outros objetivos que não sejam apenas de cunho preventivo. É possível pensar em possibilidades adversas, como a fiscalização das crianças e demais pessoas, a substituição da figura da autoridade do professor pela força policial, ou implicações sociais e políticas, de aproximação entre polícia e sociedade.

Essa aproximação implica na participação e presenças dos pais, escola e polícia. Seria, segundo Antônio Alberto Brunetta, um acordo cooperativo. Da seguinte forma:

De acordo com suas diretrizes , o Proerd não deve ser entendido como um programa da Polícia Militar, mas sim, como um acordo cooperativo entre as escolas, as famílias e a polícia militar e consitui-se em um programa

*educacional optativo. Para que sua aplicação seja satisfatória são imprescindíveis a presença do professor em sala de aula e apoio dos pais.*³³

O apoio familiar ao programa iniciado na escola é importante para concretização dos ideais preconizados de afastamento das crianças das drogas e violência, que é constantemente trabalhado nas lições do programa, e a aproximação e a participação das instituições família, escola e polícia é importante para cumprimento dos ideais referidos.

O que deve ficar mais claro é a real participação dos diferentes sujeitos no processo educacional do programa. A escola é presente aceitando o policial em sala, acompanhado por um professor, que aplicaria outra disciplina se o policial não estivesse ali. A inserção do programa no contexto familiar acontece na maioria das vezes através dos alunos. O policial instrutor Soldado Marquês, que trabalha com o Programa no Aclimação, fala um pouco de como se dá essa disseminação do programa. Vejamos:

*É de fundamental importância, do meu ponto de vista, logo antes da gente começar a ministrar aulas PROERD, a gente promove uma reunião com pais e escola, porque, a partir do momento que os nossos ensinamentos chegam a essas crianças, é preciso um envolvimento com os pais e escola, porque não adianta nada eu falar que cigarro é um tipo de droga, e chegar em casa o pai acende o cigarro na frente do filho e lhe oferece uma tragada. Ou mesmo pode acontecer com o professor: não adianta nada eu chegar lá, falar 'oh, gente, é cigarro é droga' e o professor acende o cigarro na frente da criança. Então, a gente trabalha com o auxílio da escola e da família, e a gente conta com o apoio deles para essa mudança de comportamento que a gente acredita que aconteça. A gente tem vários exemplos de crianças aí, que, após ter aulas do PROERD, elas conseguem fazer com que os pais deixem de fumar ou de beber. Isto pra gente é uma vitória, e com certeza essas crianças conseguem, sim, através do carinho, da forma de falar, promover uma mudança não só nelas, mas em todo o seu, as pessoas que ela convive.*³⁴

O policial afirma que os ensinamentos que são aplicados em sala têm continuidade, sendo levados pelos alunos ao espaço familiar. É uma interação eficiente ao ponto de convencer os pais a mudarem de atitude, com base referencial no padrão aceitável pelo ensinamento dos valores policiais, que estão contidos nos manuais, como a proibição de beber ou fumar, ou relacionar estes hábitos a vínculos negativos. Como reafirmação destes ensinamentos postulados, os próprios policiais que ministram o curso têm uma postura diferenciada. Os ambientes que eles freqüentam são selecionados, com restrições quanto ao uso de bebidas alcóolicas ou cigarros. Eles

³³ BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade Policial na Escola*. Op. Cit. P. 67.

³⁴ Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek,em 22 de fevereiro de 2007.

adotam o exemplo positivo continuado, fora das escolas. Uma espécie de prática concreta do que é ensinado.

Analisando ainda a prática “docente”, tendo como foco as ações do instrutor na escola do Aclimação, é possível perceber que suas lições estão em concordância com os materiais de apoio, como os manuais dos estudantes. Ele coordena práticas de trabalho em grupo, análises de comerciais, treina habilidades de resistência e imbui valores morais e sociais atrelados ao uso de drogas. As habilidades que são despertadas nas lições são explicativas com fortes traços comportamentais. Vejamos a carga moral que se tem no conceito citado sobre “respeito”:

*RESPEITAR: Tratar os outros com cortesia, consideração e compreensão. Respeitar a si próprio, Respeitar os outros, respeitar a saúde do seu CEREBRO e CORPO, usar o respeito ao falar de alguém que não está presente.*³⁵

São lições informativas, que extrapolam o campo da parcialidade adentrando em conceitos pessoais, que podem não ser comuns a todos os alunos, ou a seus familiares. O forte apelo se estende às lições que se relacionam ao consumo de bebidas. Pegando o álcool como exemplo, ele é demonstrado aos alunos nas suas diferentes formas em que é apresentado, sua consequência no corpo e outros sintomas, como fala ininteligível, cambaleante, reações lentas, hálito com cheiro de álcool, confusão mental, vômito, dentre outros. O poder da mídia é trabalhado com os alunos. As propagandas de televisão relacionadas ao uso e consumo de cigarros e álcool são constantemente referenciadas como prática negativa.

À medida que os alunos vão conhecendo os ensinamentos das lições, outras propostas são apresentadas pelo instrutor em grau de dificuldade crescente. As últimas lições são aquelas direcionadas a incutir responsabilidades sociais e pessoais, presentes nos manuais do estudante:

*São responsabilidades que levam você a fazer as coisas da forma que é esperada por sua família, seus vizinhos, seus professores e outras pessoas em sua comunidade. Por exemplo, espera-se que você seja honesto e solícito com os outros.*³⁶

Existe uma proposta do instrutor que vai muito além de oferecer o acesso ao conhecimento. Ele trabalha a curiosidade do aluno, que é muito propícia nessa idade,

³⁵ MINAS GERAIS. Livro do Estudante, Lição 01, 6ª série, 2004. PP 05.

³⁶ MINAS GERAIS, Livro do Estudante, Lição 01, 6ª série, 2004. PP 38.

objetivando a condicioná-lo a resistir, ou pelo menos ter uma base mínima de resistência à droga. Com base nesta suposta resistência que é treinada em sala, foi indagado ao instrutor se o programa conseguia afastar as crianças do Aclimação das práticas de violência e uso das drogas. Vejamos a resposta do Soldado Marques:

Correto, seria uma linha de ação dentre várias outras aí no quesito social, mas com certeza ele surge, tem assim seus efeitos positivos, porque além de trabalhar valores a gente trabalha no programa o quesito curiosidade também, a gente oferece pra esses alunos conhecimento de todas as drogas. A partir do momento que eles conhecem efeitos e consequências, quando essas drogas chegam a seu poder, quando alguém oferece ele têm uma boa base pra dizer não ou aceita-la.³⁷

Além das lições retiradas do manual do instrutor, o policial conta, ainda, com outras ferramentas, que o ajudam na sua prática aplicada nas escolas. O *leãozinho do PROERD*³⁸, considerado mascote do programa, tem um papel ideológico interessante. As qualidades naturais do animal, como força, porte físico avantajado e coragem, levam às crianças uma mensagem ideológica de resistência e coragem: o dizer “não” às drogas. Existe também a *Canção do PROERD*³⁹, que apresenta uma mensagem de resistência, colocando o policial como amigo na luta contra as drogas. A estrofe da música citada se refere ao amigo policial, ao amor à vida e à capacidade de amar, e dirige às crianças e adolescentes a capacidade de resistir às drogas. Vejamos a estrofe:

Como amar a própria vida

E às DROGAS dizer NÃO

Quem lhe ensina é o amigo

Mas é sua a decisão⁴⁰

A música completa está ao final dos manuais do estudante, tanto das quartas quanto das sextas séries. Ao encerramento do programa, é feita uma formatura na escola com as turmas, onde estão presentes pais, direção, professores e o oficial responsável pelo comando do policiamento no bairro. Cada aluno concluinte recebe um diploma devidamente assinado pelo comandante do batalhão, e, semestralmente, ocorre uma

³⁷ Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek,em 22 de fevereiro de 2007.

³⁸ Ver em anexos.

³⁹ MINAS GERAIS, Livro do Estudante 6ª série, 2004, p. 40. Ver anexos

⁴⁰ MINAS GERAIS, Livro do Estudante 6ª série, 2004, p. 40. Ver anexos

formatura geral do PROERD, reunindo todas as escolas e outras autoridades, como prefeito, vereadores, diretores, pais e alunos.

Este é o momento para a apresentação de pessoas que talvez não tenham contribuído em nada com o programa, mas que, por ostentarem prestígio político, aparecem para serem agraciados, e, o programa adota um caráter político partidário interessante. Poderíamos pensar em uma espécie de promoção política indireta, por não ter havido contribuição do político ali presente; ou direta, pois as pessoas ali presentes não sabem disso.

Exemplos como este, da formatura, não podem ser destacados quando se analisa a presença policial nas escolas. O objetivo educacional de prevenção às drogas e violência é bem claro nas lições apresentadas, mas outras perspectivas podem ser problematizadas. Como forma de contribuição e tentativa de entender a figura da autoridade e contraste do policial em sala de aula, vejamos o que diz Antônio Alberto Brunetta:

Ao se observar, lado a lado, um policial e uma criança de 10 anos talvez a primeira impressão seja a de que um enorme abismo os separa. Uma vez que a figura policial representa em nosso cotidiano a autoridade e a lei, ao passo que a criança simboliza a ausência de autoridade e, formalmente, há uma década atrás, o não direito, sendo aquela a quem a expressão popular se refere como “a última que fala e a primeira que apanha”.⁴¹

O autor contextualiza bem a impressão e o contraste visível na presença policial em sala de aula. A representação da força na figura policial é nítida e o primeiro obstáculo a ser rompido é o da autoridade. A proposta é entender esta autoridade policial em um contexto de uma possível crise em que se encontra a autoridade do professor em sala de aula.

Em um primeiro momento, pode ser notado um objetivo de rompimento ou de substituição de uma autoridade do professor por uma autoridade da força, considerando a força o exercício da vigilância e disciplina no intuito de moldar o comportamento. Seria possível pensar no exercício da autoridade da força, através do policial em substituição da autoridade do educador, que é mais respaldada na disciplina educacional? Para fazer um apontamento pertinente, faz-se necessário recorrer ao pensamento da autora Maria Glaucíria Mota Brasil, que define bem o que vem a ser a

⁴¹ BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade Policial na Escola*, Op. Cit. P. 71.

idéia de disciplina, na instituição policial. Considerando ainda o conceito de disciplina e autoridade atreladas ao papel policial:

*É, contudo a idéia de disciplina que fundamenta a instituição que, como as demais instituições da sociedade, são responsáveis pela fabricação do indivíduo disciplinar.*⁴²

É complicado afirmar que exista o objetivo de se retirar a autoridade do professor em sala de aula, reafirmando a autoridade policial em substituição. Mas talvez possamos pensar em uma possibilidade de construção de outra autoridade, com um sentido mais democrático, somando valores policiais e educacionais. Uma autoridade constituída pela parceria entre professores e policiais. E, como amparo teórico para se pensar essa possibilidade, vejamos como Antônio Alberto Brunetta define esta reconstrução de autoridade:

*Dado o contato entre policiais e alunos, dispõem-se os elementos necessários, mas não suficientes, à reconstrução da autoridade, todavia o que se deseja é que esta autoridade seja superada, e não simplesmente reconstruída. Para isso a alteridade deveria ser suficientemente corporificada à educação, como são a disciplina e a liberdade.*⁴³

Uma nova autoridade, ou uma antiga reformulada, incorporada em valores como disciplina e liberdade, que parecem contrários, é uma etapa difícil de alcançar. Seria a reconstrução de uma autoridade, baseada em uma aproximação do policial e do professor, superando os moldes autoritários, e inculcando valores libertários no processo de ensino e aprendizagem? Talvez essa dúvida seja a definição mais próxima à proposta de autoridade democrática, apontada pelo autor.

Deixando o foco de autoridade e partindo para o lado afetivo, que também é uma característica do PROERD, é revelado um potencial carismático, na fala do instrutor, Soldado Marques, quando lhe é perguntado se ele gostava do que fazia. Sua resposta é a seguinte:

*É, faço isso há aproximadamente dois anos, adoro o que faço, e, falar mais um pouquinho do PROERD. A gente, é um programa aí desenvolvido para crianças de 4ª e 6ª séries, e o que mais me faz gostar deste programa é o carisma e o envolvimento das crianças com o instrutor, e posteriormente com a Polícia.*⁴⁴

⁴² BRASIL, Maria Glaúrcia Mota, *A Genealogia da Instituição Policial no Brasil e no Ceará*, Op. Cit. P. 7.

⁴³ BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade Policial na Escola*. Op. Cit. p. 89.

⁴⁴ Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek,em 22 de fevereiro de 2007.

Indício de simpatia pelo programa pode ser verificado também no relato da estudante Bianca, que participou do PROERD no ano de 2004, quando lhe é questionado também se ela havia gostado de frequentar o programa. Ela disse:

Gostava. Lá eles falavam sobre as drogas, o que elas causam nas pessoas, sobre álcool, as consequências que ela leva a gente, essas coisas. O policial é legal⁴⁵.

A convivência harmoniosa entre policial e aluno com uma aproximação afetiva que parece acontecer nos leva a problematizar sobre outro aspecto do programa que parte para um viés mais social de análise. O policial vivencia problemas e inquietações dos alunos que extrapolam a esfera educacional, e se misturam em questões do cotidiano familiar ou problemas sociais e estruturais do bairro. Isso pôde ser verificado quando o instrutor revelou detalhes sobre sua rotina de trabalho na escola, como dificuldades apresentadas por ele sobre o bairro. O momento foi importante para perceber, no gesto do policial, certa frustração e sensibilidade pelas questões sociais. A voz do Soldado Marques trêmula disse o seguinte:

As crianças do bairro Aclimação são crianças bastante carentes, e que a referência deles, antes do PROERD, é uma referência bem... Existe uma inversão de valores. Quando você adentra a sala, eles têm receio de conversar com o policial, e realmente o certo pra eles é andar de boné de abas pra cima, e falar que é mala. Ai, com o decorrer do PROERD, a gente consegue como, se num passe de mágica, reverter e trazer essas crianças ai pro lado da Polícia Militar.

O problema social e econômico no Bairro Aclimação é latente. Ao entrar em sala de aula, você percebe que isso ai tá gritante. Várias crianças do bairro vão na escola por causa da merenda, e isso ai choca bastante, quando se entra em sala de aula, vê como os alunos estão vestidos, e quais são as suas histórias de vida. Porque o PROERD acaba não sendo só dentro das escolas, você acaba encontrando o aluno posteriormente nas ruas: vêm chega e abraça e compartilha com você histórias de sua vida pessoal. Realmente, você vê que o PROERD não está ligado somente no âmbito educacional. A gente consegue criar ai um laço bem forte entre policial e aluno.⁴⁶

Esse laço fraternal entre policial e aluno, que extrapola o âmbito educacional, deixa ainda mais complexo o entendimento das relações e propósitos de um programa

⁴⁵Entrevista realizada com a estudante Bianca e sua família, em 23 de agosto de 2007. Ela foi aluna do PROERD em 2004.

⁴⁶Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek,em 22 de fevereiro de 2007.

de polícia e a prática aplicada. Neste contexto, é possível relacionar a questão da influência policial e o poder de disputa dos alunos por outras pessoas, que sejam para fins criminosos, compreendendo o espaço do bairro como cenário facilitador ou possibilitador desses conflitos. Existe a tentativa de “resgate” das crianças pelos policiais, representados no gesto de abraçar e compartilhar os problemas, e ao mesmo tempo existe o risco dessa mesma criança ser levada a participar de experiências, com outros grupos considerados de risco ao atual sistema de leis.

A última consideração a ser feita a respeito do PROERD no que tange a objetivos indiretos, está atrelada ao seu fim institucional, que se coaduna com uma nova ideologia de polícia aplicada ao programa, numa tentativa de aproximar polícia e sociedade, rompendo barreiras e rótulos negativos acerca da sua imagem. Esse objetivo indireto é apontado pelo policial instrutor, quando perguntado sobre novas tendências ou modelos de polícia, que estão em construção no Brasil, ou mesmo na preocupação acerca da imagem policial. Vejamos a alegação do Soldado Marques:

A polícia está tentando imbuir, começando pelas crianças da 4ª série, uma nova imagem. Uma imagem de um policial colega, que abraça e conversa, ao invés daquele que chega e bate pra resolver o problema. E pelas diretrizes de policiamento comunitário, e essa nova visão de direitos humanos aí, eu creio que a Polícia Militar esteja mudando a concepção de polícia, é, junto da sociedade.⁴⁷

Essa nova concepção de polícia relatada pelo policial está presente nas ações dele próprio enquanto instrutor do programa e policial atuante no bairro, pois, como já foi explicado, o instrutor PROERD tem atribuições comuns aos outros policiais. O diferencial é a aproximação muito maior em relação aos alunos e aos problemas do bairro, tornando-se um grande conhecedor, ou agente participativo, neste processo. Seu relacionamento afetivo com os moradores, sejam pais de alunos ou funcionários das escolas, carregam intrinsecamente uma mensagem de um novo modo de ser e fazer polícia. O policial não é mais aquele que chega e bate, ele está ali para partilhar problemas e ser amigo dos moradores. Isto sustenta uma aproximação em laços afetivos, que existem entre os diferentes grupos que compõem o bairro.

O que pode ainda ser considerado é que a empreitada realizada pela polícia, no que se refere à aproximação da sociedade através do programa analisado ou outros que

⁴⁷ Entrevista realizada com o policial Sd.Marques,instrutor PROERD, que trabalha na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, em 22 de fevereiro de 2007.

ela executa, é que existem grandes barreiras a serem superadas. O período ditatorial brasileiro e uma polícia conservadora de um sistema capitalista e burguês é muito presente no contexto atual.

Existe uma desconfiança que paira no imaginário popular. Apesar do público alvo ser as crianças e adolescentes, e ter como cenário o processo educacional, a mudança de concepção e representação de um órgão de estado pode ser complexo, na medida em que vestígios de violência ainda imperam no meio social. A experiência de Bruno é um exemplo desta desconfiança. Problemas sociais relacionados à violência existem e possivelmente o último a tomar conhecimento são os policiais.

Tentativas de mudança não significam uma mudança de fato. Polícia e sociedade, enquanto mudanças pontuais podem ser verificadas, mas uma transformação social de fato ainda deve ser construída e constantemente repensada coletivamente. Meios de se pensar nestas mudanças coletivamente é outro desafio, a ser superado, nesta sociedade “democrática”.

Considerações finais

O trabalho me permitiu amadurecer muito enquanto historiador. Medos e incertezas que me incomodavam antes de iniciar a pesquisa ainda me perturbam, e muitas perguntas que eu me propus a responder, além de não serem totalmente esclarecidas, parecem ter sido multiplicadas.

O primeiro capítulo é de fundamental importância para perceber os conflitos, os problemas e as angústias dos moradores, sejam eles policiais ou moradores, de origens semelhantes, que partilham do espaço do bairro numa relação, aparentemente harmoniosa, mas através das análises foi possível perceber preconceitos, atribuídos aos moradores e policiais, por eles próprios, e diversos tipos de tensões.

Outra característica que é possível apresentar ao longo do primeiro capítulo é o respeito às transformações urbanas interferindo na vida das pessoas de modo significativo. Não consigo afirmar se existe a determinação do espaço pelo sujeito, pois acredito que haja resistências mesmo que de formas veladas. Existe a luta pelo espaço e o predomínio de poder neste espaço, o exemplo é o significado dos condomínios urbanos, nos locais mais afastados, carregados de representação de um contexto urbano que se transforma.

No segundo capítulo havia uma preocupação em tentar explicar ou encontrar indícios de aproximação da polícia em relação à sociedade, buscando uma transformação social. Para tanto foi analisado o programa PROERD, contextualizado no policial em meio ao espaço escolar.

A presença policial no espaço da sala de aula é carregada de significados, além da proposta de prevenção às drogas e a violência. É possível perceber objetivos indiretos, como a tentativa de mudança da imagem da polícia repressiva em preventiva e cidadã, que coadune com o modelo de sociedade democrática que ainda se instala no Brasil. Mesmo que de fato não existem ainda características comprovadoras de uma total mudança, apenas leves indícios ou tentativas em implementação, como o PROERD.

Outra característica marcante é o papel social que perpassa a relação aluno-policial, demonstrada em laços afetivos. A troca de experiências e vivências ultrapassa o contexto escolar, possibilitando ao policial e aluno trocas afetivas, aproximação e consequentemente inserção nos problemas familiares e do espaço do bairro.

Um aspecto que pude observar em diálogo com as fontes é que o policial militar inserido no espaço da escola carrega consigo seus valores institucionais. Talvez esses valores não sejam os ideais à formação dos estudantes, como hierarquia e disciplina militar. Mas essa é uma questão delicada, que merece um maior aprofundamento e pesquisa, em outro momento.

Considerando os vínculos, os conflitos, as tensões vividas pelos sujeitos no bairro Aclimação, que se misturam em predomínio de influência e poder de uns sobre os outros, é possível verificar principalmente nas entrevistas aos policiais, apontamentos da violência, ou tentativas de influências dos criminosos, considerados pelos policiais, às demais pessoas do bairro. Não consigo afirmar com certeza se existe o recrutamento para o tráfico de drogas de crianças e adolescentes, mas a influência que os sujeitos exercem no espaço do bairro não pode ser simplesmente descartada.

Gostaria de reforçar ainda a dificuldade que tive em separar o lado policial do historiador, mas me considero de certa forma realizado, pela abertura que tive nessa pesquisa de demonstrar ou pelo menos tentar levar ao conhecimento, um pouco do sujeito histórico do policial, e não apenas a instituição que representa.

Novos sujeitos, novas histórias aparecem, mas não basta apenas mudar os nomes ou os títulos dos trabalhos, se não houver uma mudança de prática. A História Social, além de possibilitar trabalhar as relações sociais entre os diferentes sujeitos, permite outro viés que não seja o discurso historiográfico oficial.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Entrevistas:

Ederlaine Ferreira Lima, 31 anos de idade, manicure. Mudou para o Bairro Aclimação há aproximadamente um ano, veio da cidade de Governador Valadares, acompanhando o marido. A entrevista foi realizada em sua residência no Bairro Aclimação, no dia 23 de agosto de 2007.

Cabo Henrique, 35 anos de idade, policial militar. Trabalha no Bairro Aclimação e é policial há mais de doze anos. É natural de Governador Valadares. Mora com sua esposa e filha. A entrevista foi realizada no dia 28 de fevereiro de 2007.

Cabo Marlúcio Gomes da Silva, 32 anos de idade, policial militar. Trabalha e mora no Bairro Aclimação. É natural de Campanário- MG. Mora com esposa e filha. A entrevista foi realizada em sua residência em 10 de setembro de 2007.

Silvano Lúcio Oliveira, 51 anos de idade, comerciante e morador do Bairro Aclimação. É natural de Dores do Indaiá- MG, mora em Uberlândia há mais de 15 anos. A entrevista foi realizada em seu comércio no Bairro Aclimação, em 03 de janeiro de 2008.

Soldado Samuel Marques Gomes, 25 anos de idade, policial militar. Trabalha no Bairro Aclimação como instrutor do PROERD. É natural da cidade de Monte Carmelo. A entrevista foi realizada em sua residência no Bairro Brasil, em 22 de fevereiro de 2007.

Bianca Ferreira de Lima, 12 anos de idade, estudante da Escola Estadual Juscelino Kubitscheck, situada no Bairro Aclimação. É natural de Governador Valadares. Foi aluna do PROERD no ano de 2004. A entrevista foi realizada em sua casa no Bairro Aclimação acompanhada por seus pais.

Normas, Legislação, Documentos Oficiais:

BRASIL Constituição de 1988. BRASIL. *Constituição (1988)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

MINAS GERAIS. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. *Diretriz para Produção de Serviços de Segurança Pública* 04/2002. Belo Horizonte, 2002.

MINAS GERAIS. Governo do Estado de Minas Gerais. *Código de Ética dos Militares*. Belo Horizonte, 2002.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. PROERD: *Manual do Instrutor*. 6. série. Belo Horizonte, 2004.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. PROERD: *Livro do estudante*. 6. série. Belo Horizonte, 2004.

UBERLÂNDIA. Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. *Dados populacionais* (Estimativa 2006). Uberlândia, 2006.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Marta Emisia Jacinto Barbosa. Entre Casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON. Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 153-151.
- BRASIL, Maria Glaucíria Mota. *A genealogia da instituição policial no Brasil e no Ceará*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural/Universidade Federal do Ceará, 1990 (Série Idéias, 17). Mimeografado.
- BRETAS, Marcos Luiz. O crime na historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 32, p 53, 2. sem. 1991.
- BRUNETTA, Antônio Alberto. *Autoridade policial na escola*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência e a polícia da era Vargas*. 2. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana- Manaus 1900-1915. In: FENELON. Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 85-127.
- CRUZ, Heloísa de Faria. Mercado e polícia- São Paulo, 1800/1915. *Revista Brasileira de História*, v. 7, n. 14, p. 115-130, mar/ago. 1987.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2. ed. Campinas- SP: Papirus, 1986.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. VII-XXIII.
- MOREIRA, Cícero Nunes e CORRÊA, Marcelo Vladimir. *Manual de Prática Policial – Geral*. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa e Pós Graduação da PMMG, 2002. Vol. 1.

NEVES, Margarida de Souza. O povo na rua: um “conto de duas cidades”. In: PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 135-155.

PASSERINI, Luisa. Ideologia e consenso do trabalho sob o fascismo italiano. Extraído de HISTORY WORKSHOP, n. 8, p. 84-92, 1979.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente*: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

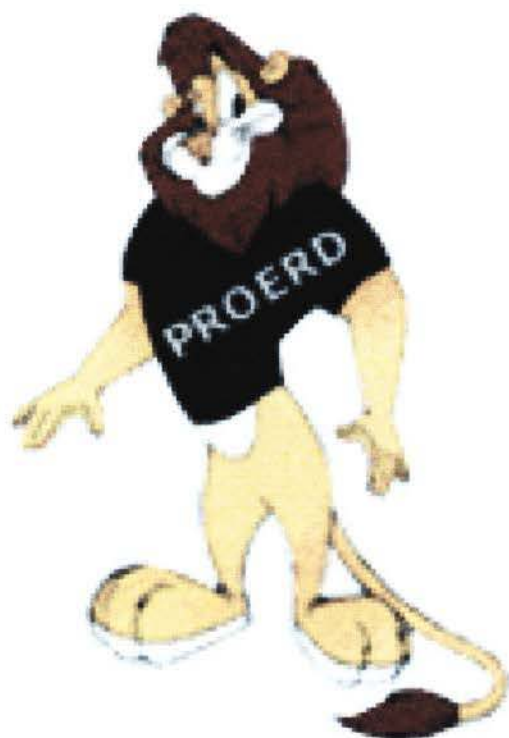
SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Autoridade, violência e reforma policial. A polícia preventiva através da historiografia de língua inglesa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 265-294, 1998.

STORCH, Robert D. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. *Revista Brasileira de História*, v. 5, São Paulo, 1984-1985.

Anexos

Anexo 1

Mascote do PROERD



Fonte: <http://www.ada.com.br/proerd/default.shtml>- Acessado em 22/01/2008.

Anexo 2

Canção do PROERD

Letra e música: 3º Sgt Cláudio Coutinho dos Santos

Existe um programa
Que vai lhe ajudar
Existe um amigo
Que vai lhe ensinar

Que o problema “ DROGAS”
Merece atenção
E para manter-se a salvo
É preciso dizer NÃO

Refrão: bis

PROERD é o programa
PROERD é a solução
Lutando contra as drogas
Ensinando a dizer NÃO

Cultivando o amor próprio
Controlando a tensão
Pensando nas consequências
Resistindo à pressão

Como amar a própria vida
e às DROGAS dizer NÃO
Quem lhe ensina é o amigo
Mas é sua a decisão

Refrão: bis

PROERD é o programa
PROERD é a solução
Lutando contra as drogas
Ensinando a dizer NÃO

Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. *Manual do Instrutor*. 6. série. Belo Horizonte, 2004, p. 41.